

“MARIA, ACHASTE GRAÇA JUNTO DE DEUS”

CADERNO DE TEMAS
2018



ÍNDICE

Apresentação 4

Janeiro | Cheia de Graça 5

Fevereiro | Feliz aquela que acreditou 11

Março | Eis a tua mãe 19

Abril | A Igreja, Povo de Deus presente em todas as nações 25

Maiο | A caminhada da Igreja e a unidade de todos os Cristãos 33

Junho | “O «Magnificat» da Igreja Peregrina” 41

Julho | Balanço 49

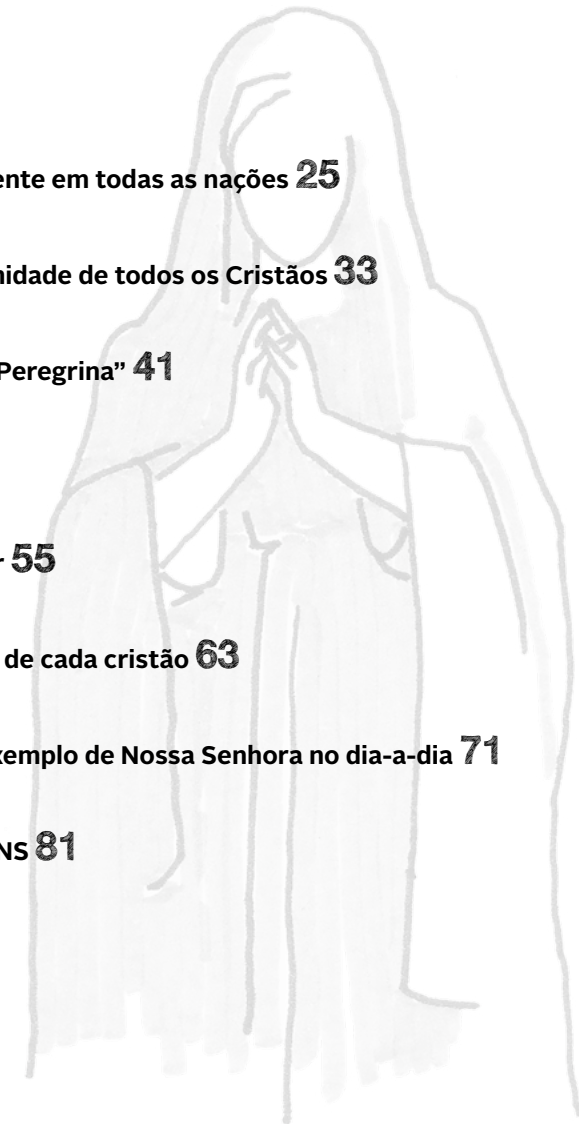
Setembro | Maria, Serva do Senhor 55

Outubro | Maria na vida da Igreja e de cada cristão 63

Novembro | O desafio de levar o exemplo de Nossa Senhora no dia-a-dia 71

Dezembro | Nossa Senhora nas EJNS 81

Agradecimentos 87



APRESENTAÇÃO

Caros Equipistas,

Bem-vindos ao novo ano e ao novo caderno de temas.

O tema deste ano é “Maria, achaste graça junto de Deus”, que é uma abreviação da frase “Não temas Maria, pois achaste graça diante de Deus”, escolhido pelo Papa Francisco.

A razão de escolha deste tema é muito simples. Em primeiro lugar, e tal como já foi dito, foi o tema escolhido pelo Papa Francisco para 2018 para os jovens preparem as Jornadas Mundiais da Juventude no Panamá, cujo tema é “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (dando uma forte conotação mariana às próximas JMJ). Em segundo lugar, pois pensamos que faz sentido este tema surgir como continuidade do que foi o tema do último caderno, “O carisma das Equipas”.

O grande objetivo é termos um caderno verdadeiramente catequético, mas também bastante prático, de modo a dar às Equipas uma boa base, ficando a conhecer melhor a figura de Nossa Senhora, com os dogmas que a englobam (componente catequética), e de que maneira é que isso influencia a sua maneira de viver (componente prática).

Por isso vamos andar o ano todo acompanhados da figura de Nossa Senhora de uma forma (ainda) mais direta: vamos olhar para a Sua forma de ser e de agir e, a partir daí, tirar conclusões para as nossas vidas, lembrando que Maria é um meio privilegiado de chegar a Jesus.

Os temas deste caderno foram inspirados na última Encíclica que a Igreja produziu tendo Nossa Senhora como base: a Encíclica Redemptoris Mater do Papa S. João Paulo II. Por isso pedimos a S. João Paulo II, que sempre teve uma preocupação particular pelos jovens, que nos acompanhe ao longo deste ano.

O único pré-requisito para acompanhar os diversos temas é ter espírito aberto e muita vontade de aprender. É um caderno exigente, mas que é suposto dar ferramentas para viver o dia-a-dia com a simplicidade de Nossa Senhora, que é, no fundo, a simplicidade que nos é proposta nos Evangelhos.

Não nos podemos esquecer que é principalmente nas pequenas coisas que podemos dar provas da nossa fidelidade, e por isso é que a base das Equipas são as reuniões mensais e é também por isso que a nossa fé é uma fé do dia-a-dia.

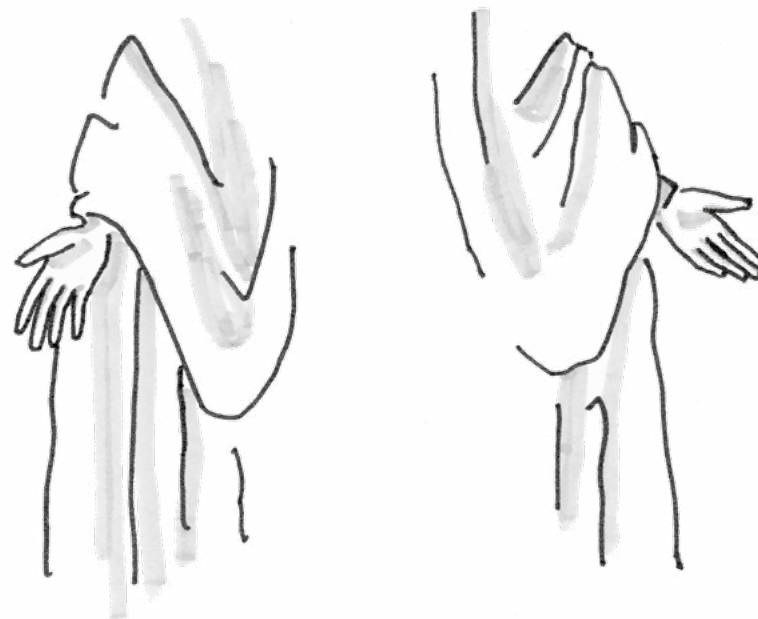
Seguimos juntos em oração!

Muito obrigado e boas reuniões,

Secretariado Nacional

CHEIA DE GRAÇA

JANEIRO



CHEIA DE GRAÇA

ORAÇÃO INICIAL | Salmo 39 (40)

Eu venho, Senhor, para fazer a vossa vontade.

Não Vos agradaram sacrifícios nem oblações,
mas abriste-me os ouvidos;
não pedistes holocaustos nem expiações,
então clamei: «Aqui estou.
De mim está escrito no livro da Lei
que faça a vossa vontade.
Assim o quero, ó meu Deus,
a vossa lei está no meu coração».
Proclamei a justiça na grande assembleia,
não fechei os meus lábios, Senhor, bem o sabeis.
Não escondi a vossa justiça no fundo do coração,
proclamei a vossa fidelidade e salvação.
Não oculte a vossa bondade e fidelidade
no meio da grande assembleia.

TEMA

Tudo o que Deus quer fazer em cada um de nós em particular é o que em geral Ele faz na Igreja e o que em especial Ele fez em Nossa Senhora. Com os olhos postos na Virgem Maria, a nossa existência cristã vive-se a andar para a frente, ao ritmo da Igreja, em direção a Deus.

Então, em primeiro lugar interessa-nos perguntar: o que é isto da existência cristã? O que é a fé? Como é que ela se vive? Como é que tudo isto funciona? É impossível dar uma resposta completa, nem conseguiríamos dizer nada de jeito nas dimensões que este tema pode ter. Mas há um fundamento, um ponto de partida essencial, que talvez esteja na base de toda a aventura da fé: **Deus fala, o homem responde. Na verdade, é sempre assim, com Deus a revelar-Se e com o homem a decidir por Ele.** É assim quando nascemos, em que Deus chama à vida com a Sua Palavra criadora e o homem chora pela primeira vez, logo quando nasce. É assim quando tomamos consciência

de Deus, em que Ele enche a nossa vida de sinais e nós Lhe percebemos a existência e acreditamos n'Ele. É assim quando a nossa vida se encaminha para uma decisão permanente, ou vocacional, como se costuma dizer, em que Ele nos chama a um estado de vida e nós construímos com Ele o nosso sim. É ainda assim nos sacramentos, especialmente na Missa, em que pelo Espírito Santo o pão e o vinho se tornam Corpo e Sangue de Jesus e nós, certamente sem compreender todo esse mistério, nos pomos na fila para O receber na comunhão. E até quando o homem morre está a dar a sua resposta definitiva a um Deus que o chama inteiro a Si.

Neste sentido, é bom tomarmos consciência de que **esta Palavra com que Deus nos fala** e pela qual Se revela **é a graça**. De facto, Deus está continuamente de mão estendida a dar-nos a Sua graça, de tal modo que podemos dizer que a graça divina é uma realidade que está sempre em primeiro lugar, acontece previamente, é, em si mesma, prévia, uma condição *a priori* da nossa existência. São Paulo tem esta intuição, quando escreve aos Efésios: "Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto dos céus nos abençoou com todas as bênçãos espirituais em Cristo. Ele nos escolheu, antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em caridade, na Sua presença" (Ef 1, 3-4). De facto, somos agraciados, cheios – preenchidos – de graça, sem condições, limites ou restrições, desde o nosso nascimento e mesmo antes, quando existíamos apenas no pensamento de Deus. Acolher esta graça, porém, é tarefa nossa e da nossa liberdade.

Tudo isto se reveste de particular importância em Nossa Senhora, que assumiu esta liberdade de forma total, de tal maneira que a sua vida é uma interseção perfeita da iniciativa de Deus e da resposta humana “agraciada” e crente, no concreto da história. Por outras palavras, a Virgem Maria é o “lugar” onde Deus e a experiência humana se tocam de maneira mais pura e verdadeira. O acontecimento que marca o início de tudo isto é a sua imaculada conceição. Maria tem um Coração Imaculado, isto é, um coração liberto de toda a resistência e incapacidade de escuta, que se abre totalmente à Palavra de Deus. A palavra “coração” condensa aqui toda a tradição bíblica no que diz respeito à existência humana: está em causa toda a interioridade de Maria, a sua inteligência, a sua sensibilidade e afetividade. Por isso, na Anunciação do Anjo, Maria ouve "Avé, ó cheia de graça, o Senhor é contigo" (Lc 1, 28) e admira-se, procurando perceber que saudação seria aquela, que significado teriam aquelas palavras inesperadas e extraordinárias e o que quereria dizer

aquela estranha expressão “cheia de graça”. Por um momento, Nossa Senhora para, e com Ela param os céus e a terra, como num filme de suspense, à espera daquela resposta da qual Deus quis fazer depender a redenção de toda a humanidade e de toda a criação. E ouve-se: “Faça-se”. Deus toma a iniciativa, e Maria responde, em nome de todos nós. E há festa no céu.

Pela primeira vez desde a criação do mundo, uma criatura, Maria, escuta a Palavra como ela sempre foi escutada no seio da comunhão trinitária, desde toda a eternidade. Ao acolher o Verbo desta maneira, a Palavra eterna de Deus realiza em Nossa Senhora todo o seu poder criador, e passa a ser, numa criatura, o que sempre foi no seio de Deus. Com efeito, o acolhimento total dessa Palavra num Coração Imaculado tem um nome: Jesus, Deus feito carne, feito homem.

No Concílio Vaticano II, os Padres Conciliares afirmavam:

“o Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele predestinara para mãe, precedesse a encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida. É o que se verifica de modo sublime na Mãe de Jesus, dando à luz do mundo a própria Vida, que tudo renova. Deus adornou-a com dons dignos de uma tão grande missão; e, por isso, não é de admirar que os santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus «toda santa» e «immune de toda a mancha de pecado», visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d’Ela fez uma nova criatura. Enriquecida, desde o primeiro instante da sua concepção, com os esplendores duma santidade singular, a Virgem de Nazaré é saudada pelo Anjo, da parte de Deus, como «cheia de graça» (Lc 1, 28); e responde ao mensageiro celeste: «eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Deste modo, Maria, filha de Adão, dando o seu consentimento à palavra divina, tornou-se Mãe de Jesus e, não retida por qualquer pecado, abraçou de todo o coração o desígnio salvador de Deus, consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onipotente o mistério da Redenção. por isso, consideram com razão os santos Padres que Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas que cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens. Como diz Sto. Ireneu, «obedecendo, ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano». Eis porque não poucos Padres afirmam com ele, nas suas

pregações, que «o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a virgem Maria com a sua fé»; e, por comparação com Eva, chamam a Maria «mãe dos vivos» e afirmam muitas vezes: «a morte veio por Eva, a vida veio por Maria»” (Lumen Gentium, 56).

Maria, a cheia de graça, é também imagem da Igreja, que Deus enche da Sua graça com o sangue e a água que jorram do lado aberto do Crucificado (cf. Jo 19, 34), desde aquele momento em que Jesus sopra o Espírito Santo sobre os discípulos (cf. Jo 20, 22), e desde aquela hora em que, como línguas de fogo, o Espírito desce sobre os Apóstolos e Maria, reunidos no cenáculo (cf. Act 2, 1-4). A vida cristã só se vive na plenitude se acontecer na Igreja. **Com efeito, aquela experiência mesma que os Doze fizeram de Jesus faz-se hoje na Igreja, por meio dos sacramentos e da escuta da Palavra. Composta por homens pecadores, a Igreja é Santa, e é-o porque é “cheia de graça”,** cheia da presença de Deus, que quer levantar-nos na Confissão, para nos abraçar na Comunhão.

Aqui está a grande aventura da fé e da existência cristã, que foi em Nossa Senhora o que pode ser em todos nós. À iniciativa de Deus, estamos aqui para responder, e há o mesmo *suspense* da parte de Deus ao esperar a nossa resposta; e porque Maria é cheia de graça e respondeu “faça-se”, todos nós passámos a poder também responder o mesmo “faça-se”. **De facto, a cada sim que damos à iniciativa de Deus, Jesus acontece em nós, a Vida de Jesus faz-se carne na nossa vida, até dizermos com São Paulo: “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”** (Gal 2, 20). Estamos à espera de quê?

PONTOS DE DISCUSSÃO

Como vemos a graça de Deus nas nossas vidas? Sentimo-nos cheios de graça? E agradecidos?

Que dificuldades temos na relação com Nossa Senhora?

Como é que, em Equipa, podemos desenvolver a nossa pertença à Igreja?

De que maneira é que a obediência e a graça se relacionam?

PONTOS DE ORAÇÃO

Lê com calma e atenção a Anunciação do Anjo a Nossa Senhora - **Lc. 1, 26-38**. Imagina-te no lugar do anjo, e depois no de Maria. Pede a Deus que te ensine a ser sempre anjo, isto é, mensageiro da Sua Palavra; e pede também a Deus que te ajude a dizer sempre sim à Sua vontade, como Nossa Senhora.

Reza os mistérios gozosos do terço, e medita bem em cada um antes de começares as Avé-Marias.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Visitar alguém que esteja sozinho. Pode ser individualmente ou em equipa. E leva-lhe a graça de Deus e a esperança do Evangelho, com criatividade.

Definir uma graça a pedir, em equipa, durante o próximo mês.

PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica: 487-511 e 963-975

Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*: 52-69

João Paulo II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*

ORAÇÃO FINAL

A oração mais antiga dirigida a Nossa Senhora:

Sub tuum praesidium

À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus

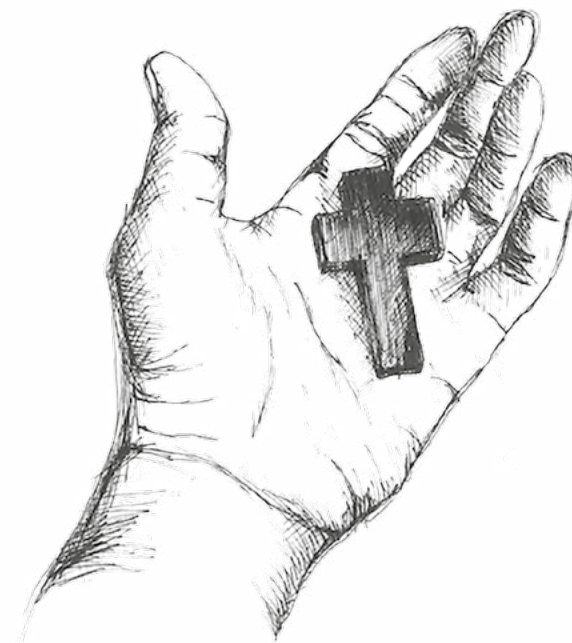
Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades

Mas livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

Âmen.

FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU

FEVEREIRO



FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU

ORAÇÃO INICIAL | *Lumen Fidei*, 60

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.
Abri o nosso ouvido à Palavra,
para reconhecermos a voz de Deus e a sua chamada.
Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos,
saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.
Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor,
para podermos tocá-Lo com a fé.
Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor,
sobretudo nos momentos de tribulação e cruz,
quando a nossa fé é chamada a amadurecer.
Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.
Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.
Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus,
para que Ele seja luz no nosso caminho.
E que esta luz da fé cresça sempre em nós
até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo,
vosso Filho, nosso Senhor.

TEMA

Temos tantos amigos descrentes que nos dizem: «eu só acredito no que vejo». Desengane-se quem julgar que para Nossa Senhora era mais fácil acreditar por ter visto o Anjo ou por ter sido a Mãe de Jesus. Na verdade, a fé de Maria passou pelo mesmo desafio (e outros maiores) que cada um de nós passa: Ela também teve de acreditar sem ver, guardando tudo no seu coração (cf. Lc 2,19), caminhando na "fé [que] é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem" (cf. Hb 11,1). E mesmo quando Nossa Senhora via, tinha de acreditar para além daquilo que os seus olhos eram capazes de ver.

Neste tema, queremos tocar **quatro pontos** da peregrinação da fé de Nossa Senhora a partir de alguns acontecimentos fundamentais na Sua vida, para daí

tirar conclusões para a nossa fé: a **Anunciação e Visitação**; o **nascimento de Jesus**; a **vida oculta e perda e reencontro de Jesus no templo**; e a **Cruz e Ressurreição**. Inspiramo-nos nos capítulos 13-20 da encíclica *Redemptoris Mater*, do Papa S. João Paulo II, cuja leitura recomendamos.

1. Anunciação e Visitação – a fé é alimentada pela Palavra, Razão e Caridade (*Redemptoris Mater*, 12-15)

Não se sabe muito sobre Maria antes de ser mãe de Jesus. Mas há uma coisa essencial: a virgem Maria, noiva de José, era profundamente conhecedora da Palavra de Deus e da Promessa que Deus tinha feito ao Povo de Israel. E aguardava o cumprimento dessa Promessa, meditando essa Palavra em seu coração. Como mulher judia, ela rezava e conhecia a Sagrada Escritura – o Antigo Testamento então – e tinha consciência de pertencer à casa (família) de Judá – descendentes de uma das doze tribos de Israel – do Povo de Israel, Povo com quem Deus já fizera um longo caminho desde Abraão, Moisés, Elias, etc. Maria sabia o que o bom Deus já fizera e prometera ao longo da história do Seu Povo. Por isso, quando o Anjo Gabriel anuncia a missão, Maria percebe alguma coisa da grandeza da sua vocação e espanta-se! Não compreende tudo e por isso não receia perguntar "como será isso, se Eu não conheço homem?" (cf. Lc 1,34). Por outras palavras, Maria procura a solidez da racionalidade para acreditar. A resposta que o Anjo dá confirma que «nada é impossível a Deus» e este facto, mesmo que incompreensível, contribui para a adesão generosa de Maria e o seu passo de fé: "Eis a escrava do Senhor. Faça-se em Mim segundo a vossa palavra". Esta é a plena obediência de Maria à graça que Deus lhe concedeu. **Maria acredita mesmo sem “dominar” tudo o que viria a acontecer no futuro. E esta obediência de fé exprimiu-se logo na caridade**, ao visitar a Sua prima Isabel, que veio a confirmar Maria na fé. A caridade anima a fé.

De acordo com o Concílio Vaticano II, **"a Deus que revela é devida «a obediência da fé»** (Rom 16, 26; cf. Rom 1, 5; 2 Cor 10, 5-6), **pela qual o homem se entrega total e livremente a Deus**" (cf. *Dei Verbum*, 5 e *Redemptoris Mater*, 13). A fé é dom de Deus, é graça de Deus que é concedida a Maria, e que a toma por inteiro, mas teve como requisitos essenciais a sua total liberdade humana (requisito também para poder amar) e o seu discernimento racional (requisito para poder acreditar).

2. Nascimento de Jesus e anúncio de tribulações – a fé não nos livra de dificuldades (*Redemptoris Mater*, 16)

Sabe-se o que aconteceu depois. Maria e José foram até Belém, onde se realizava um recenseamento (cf. Lc 2,1-20). Aí nasceu Jesus, numa pobre manjedoura, sendo visitado por pastores e magos do Oriente. Depois, conforme a tradição judaica, Maria e José foram ao templo para apresentar Jesus e circuncidá-Lo, e aí deu-se uma segunda “anunciação”, com as palavras do profeta Simeão relativas a Jesus (cf. Lc 2,29-32) e relativas a Maria (cf. Lc 2,34-35).

Diz-nos o Papa S. João Paulo II: "Aquilo que Simeão diz apresenta-se como *um segundo anúncio a Maria*, uma vez que indica a dimensão histórica concreta em que o Filho realizará a sua missão, ou seja, na incompreensão e na dor. Se este outro anúncio confirma, por um lado, a sua fé no cumprimento das promessas divinas da salvação, por outro, também lhe revela que ela terá que viver a sua obediência de fé no sofrimento, ao lado do Salvador que sofre" (cf. *Redemptoris Mater*, 16).

A fé não livra Maria de dificuldades e tribulações. **Não é Deus que a põe à prova, mas são as circunstâncias e os acontecimentos que põem à prova a sua fé em Deus.** Pode-se imaginar a dificuldade de Maria em compreender aquela sucessão de acontecimentos, pelos quais o Menino Jesus, o Filho de Deus, foi logo perseguido desde tenra idade pelo rei Herodes e a sagrada família teve de fugir para o Egito (cf. Mt 2,13-15), voltando anos depois para Nazaré. Em todos estes acontecimentos, Maria manteve-se firme na fé e a sua felicidade vem da confiança que tem em Deus.

3. Vida oculta e perda e reencontro no Templo – a fé cresce no quotidiano e purifica-se! (cf. *Redemptoris Mater*, 17)

Não se sabe muito sobre a vida de Maria, José e Jesus, em Nazaré. Sabe-se que Jesus era o Filho do carpinteiro e lá residia a sua família alargada com primos-irmãos (cf. Mt 13,54-56). Em Nazaré, dá-se a chamada “vida oculta” de Jesus, crescendo em sabedoria, estatura e graça, submisso a Maria e José (cf. Lc 2,51-52). Mesmo sabendo do anúncio do Anjo sobre o Seu Filho, Maria está pacientemente ao lado de Jesus, numa vida normal, como a de qualquer

mãe com seu filho. Não vê nada de extraordinário no Filho, mas procura cuidar d'Ele com todos os cuidados de Mãe. **Nossa Senhora vive com Jesus nos acontecimentos normais e isto é próprio da fé num Deus encarnado (cf. Jo 1, 14) e que vem dar valor – santificar – todas as pequenas coisas de cada dia.** "Jesus, crescendo e vivendo como um de nós, revela-nos que a existência humana, a vida corrente e ordinária, tem um sentido divino" (cf. S. Josemaria Escrivá, Cristo que passa, 14). E esta vida “normal” de Jesus e Maria vem trazer nova luz à vida normal de todos os cristãos, que caminhamos na fé sem ver nada de extraordinário nem grandes milagres vistosos, mas cuidando da relação com Deus nos acontecimentos simples do dia-a-dia.

Durante a vida oculta, apenas se sabe que Jesus ia com seus pais a Jerusalém todos os anos pela Festa da Páscoa judaica. Aos doze anos, Jesus ficou no templo perdido e esquecido, sem regressar nas caravanas separadas de Maria e de José, que pensavam que Jesus estivesse com um deles (cf. Lc 2, 41-49). Pode-se entender o drama que Maria e José passaram no final do primeiro dia de viagem, quando as caravanas dos homens e das mulheres e crianças se encontraram: Deus tinha-lhes confiado o Filho para educarem, amarem e cuidarem... e eles aperceberam-se que O tinham perdido! Que drama, perder Deus! E, no entanto, não perderam tempo a discutir quem teria mais culpa pela perda do Filho, mas foram ambos à procura d'Ele e reencontraram-no três dias depois, entre os doutores no Templo. E aí Jesus, consciente de ser o Filho de Deus, revelou-Se a Maria: "Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?". Regressaram depois juntos para Nazaré e Jesus continuou a ser obediente a Sua Mãe e a S. José. A felicidade de Maria é um caminho de progressivo aprofundamento da fé.

De certa forma, no caminho da fé, às vezes Deus permite que O percamos de vista para O reencontrarmos de uma forma nova, numa exigente purificação da fé.

4. Cruz e Ressurreição – o amor na Cruz e a fé na Ressurreição (cf. *Redemptoris Mater*, 18-19)

Avançando para a vida pública de Jesus, a partir dos 30 anos, esta veio confirmar a profecia de Simeão no templo. "Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade

simples e cotidiana e, finalmente, a sua total dedicação" (cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 265) revelam a Sua autoridade divina para perdoar os pecados, revelam o Seu poder divino para fazer milagres e revelam a Sua sabedoria divina revelando Deus Pai. No entanto, O Filho de Deus que veio reconciliar os homens com Deus foi rejeitado e desacreditado pelos homens e foi condenado à morte injusta de cruz. E aí, a fé de Maria em Deus e no Seu Filho manteve-se firme, mesmo junto à Cruz. Maria lembrava-se daquelas palavras da Anunciação do Anjo – "Ele será grande ..., o Senhor Deus dar-lhe-á o trono de seu pai David..., reinará eternamente na casa de Jacob e o seu reinado não terá fim" (Lc 1, 32-33) – que eram aparentemente fracassadas pela cruz. E Maria recordava também aquelas outras palavras de Jesus: "O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens que o hão-de matar; mas, três dias depois de ser morto, ressuscitará" (cf. Mc 9,31).

Diz-nos o Papa S. João Paulo II que "mediante a fé, a Mãe participa na morte do Filho; mas, bem diferente da fé dos discípulos, que fugiam, a fé de Maria era muito mais esclarecida" (cf. *Redemptoris Mater*, 18). O sofrimento da Mãe que vê o Filho morrer desta forma tão dolorosa, aliado à dor pelo pecado dos homens que rejeitam o Filho de Deus permite intuir como no coração de Maria atravessado pela dor, a fé na Ressurreição é a única fonte de luz e esperança. E por isso Ela permanece junto à Cruz e sofre com o Filho e carrega-O morto nos braços.

Embora não compreenda plenamente os desígnios de Deus, Maria acredita na ressurreição e compreende que a cruz é o lugar extremo do encontro entre o pecado dos homens e o amor misericordioso de Deus que vence a morte. E este acontecimento é absolutamente central para a nossa fé cristã. Porque Jesus ressuscitou mesmo. E Maria, a quem Jesus confiou o discípulo amado na Cruz, é testemunha da Ressurreição de Jesus juntamente com os apóstolos, acompanhando a Igreja ao longo de todos os tempos no anúncio do Evangelho!

PONTOS DE DISCUSSÃO

A nossa decisão de fé é alimentada pela Palavra, pela Razão e pela Caridade? Costumamos ler a Palavra de Deus em cada dia? E buscamos argumentos racionais para dar solidez à fé? E pômo-la em prática na caridade? A fé é caminho de felicidade?

Nossa Senhora ultrapassou duras provas e manteve-se firme na fé. Que acontecimentos nas nossas vidas já puseram à prova a nossa fé em Deus?

Encontramos Deus nos simples acontecimentos do meu dia-a-dia? A propósito da perda e reencontro de Jesus no Templo, já alguma vez perdemos Jesus? Como O reencontramos?

A Ressurreição de Jesus é o acontecimento fundamental da nossa fé, da fé da Igreja, da fé de Maria: acreditamos mesmo que Jesus ressuscitou ou ainda temos dúvidas?

PONTOS DE ORAÇÃO

Lc 2, 41-52: Meditar nesta cena da perda e reencontro de Jesus no Templo e compor o lugar, à maneira de Sto. Inácio de Loyola. Já perdi Deus ou passei por momentos de escuridão? O que fiz nessa altura? Desanimei ou voltei atrás e fui à procura de Deus, como Maria e José?

Contemplar a "Pietà" de Miguel Ângelo ou outra "Pietà" e aproximar o coração de Nossa Senhora com Jesus morto nos braços. Pedir com insistência a graça da fé na ressurreição.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Ler o Evangelho do dia todas as manhãs ao acordar (como Nossa Senhora, dar prioridade à Palavra de Deus, antes ainda das outras mensagens, whatsapp, redes sociais, etc).

PARA APROFUNDAR

Aprofundar o contexto do anúncio do Anjo a Nossa Senhora para compreender qual a história do Povo de Israel, que esperava a vinda do Filho de Deus. Seguir numa Bíblia as passagens paralelas e as notas de rodapé: por exemplo, **ler profeta Miqueias, 4.**

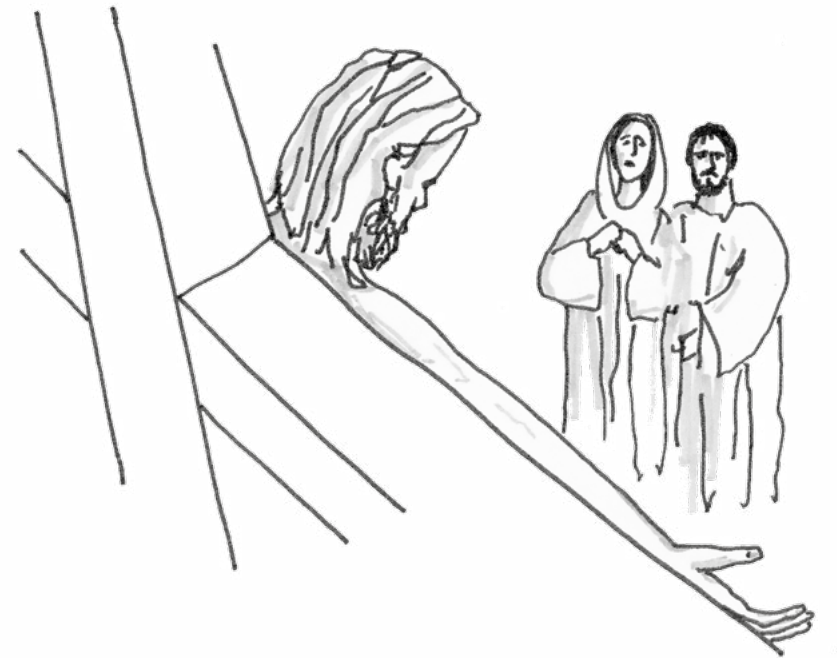
João Paulo II, Encíclica *Redemptoris Mater*, 13-20.
Papa Francisco e Papa Bento XVI, Encíclica *Lumen Fidei*.

ORAÇÃO FINAL | Oração do Fiat

Santa Maria,
ajuda-me a esforçar-me
segundo o máximo
da minha capacidade
e o máximo
das minhas possibilidades,
para assim responder
ao Plano de Deus
em todas as circunstâncias
concretas de minha vida.
Âmen.

EIS A TUA MÃE

MARÇO



EIS A TUA MÃE

ORAÇÃO INICIAL | Meditação da passagem Jo 19, 25-27

“Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «EIS A TUA MÃE!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua”

TEMA

O culto de Maria na Igreja

A Igreja católica venera a Mãe de Jesus com um culto muito especial. Os cristãos, desde os remotos tempos do início do Cristianismo, tendo consciência de que Maria é uma simples criatura, reconheceram nela o primeiro lugar entre todos os membros do “Corpo” de Cristo, logo imediatamente a seguir ao do seu Filho. Em consequência desta convicção, houve, na Igreja, o cuidado de estabelecer uma distinção entre o culto que se presta a Deus e a Jesus Cristo, do culto que se presta a Maria e aos demais santos, para evitar mal-entendidos.

Deste modo, na Igreja, dá-se o nome de **culto de latría ou adoração** aos atos de amor e de louvor que prestamos a Deus; quanto ao culto que prestamos aos santos, designamo-lo como **culto de dúlia ou veneração**; relativamente a Maria, prestamos-lhe um culto de veneração, mas, para indicar o primeiro lugar que Ela ocupa no conjunto dos santos, designamo-lo como **culto de hiperdúlia ou superveneração**.

Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe

Lançando um olhar para Maria, podemos fixá-la na sua relação com Cristo, seu Filho, em cuja mediação ela participa de modo único e exclusivo. **Mas se olharmos para ela, na sua relação com os membros de seu Filho, descobrimo-la como alguém que exerce sobre esses membros (que somos nós) um influxo edificante de Mãe.** Por isso, o Papa Paulo VI disse: “assim

como a maternidade divina é o fundamento da especial relação de Maria com Cristo, assim também essa maternidade constitui o fundamento principal das relações de Maria com a Igreja; sendo ela Mãe de Cristo (“Cabeça”), também é Mãe da Igreja (“Corpo”), **Maria, pois, como Mãe de Cristo, é Mãe dos fiéis e pastores, isto é, da Igreja**”.

Não podemos separar a relação de Maria com a Igreja da sua relação com Cristo. **Ela é Mãe do Senhor, e, por força dessa maternidade, é Mãe de todos os que Cristo resgatou.** Por isso, Maria é, além de Mãe do Senhor, nossa Mãe. Mesmo depois da sua assunção aos Céus, Ela não abandonou a sua missão salutar, pois “cuida com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada” (LG 62).

É preciso esclarecer que a **divindade de Jesus não teve origem em Maria**. Jesus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, tomou uma natureza humana, completa, no seio de Maria, de modo que o único Verbo eterno, da mesma substância divina do Pai, passou a ser, simultaneamente, Homem. Maria é, assim, verdadeiramente Mãe do Filho de Deus, segundo a sua natureza humana gerada em seu seio. É Mãe do Verbo encarnado. É Mãe de Deus.

“Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 45)

Maria é digna, sem dúvida alguma, pelo facto de se ter tornado Mãe de Jesus segundo a carne (Ditoso o ventre que te trouxe e os seios a que foste amamentado); mas é digna delas também e sobretudo porque, logo desde o momento da Anunciação, acolheu **a Palavra de Deus porque nela acreditou**; ela, com efeito, “guardava” a palavra, meditava-a «no seu coração» (cf. Lc 1,38-45; 2,19.51) e cumpria-a com toda a sua vida. Desta forma, Maria Mãe tornava-se, em certo sentido, **a primeira “discípula” do seu Filho**, a primeira a quem ele parecia dizer: “Segue-me”, mesmo antes de dirigir este chamamento aos Apóstolos ou a quaisquer outros (cf. Jo 1, 43).

A maternidade de Maria diz respeito a cada um de nós, cristãos. Pois **Deus escolheu-nos para sermos santos e imaculados (cf. Ef 1,4-6): virgens, que quer dizer inteiramente habitados pelo Espírito de Deus.**

Com efeito, **a Igreja também é virgem, na medida em que guarda fidelidade total e pura a Cristo** e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do seu Senhor, uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade (LG 64).

Maria, Imagem e Ícone da Igreja

Os ícones são imagens sagradas que pretendem ser uma representação sagrada da pessoa que deseja dar a conhecer. Na verdade, os ícones transcendem o valor objetivo artístico que poderão ter, pois **são um espaço de manifestação do invisível que nos conduzem à presença do divino**. Assim, são um lugar de encontro entre a experiência estética e religiosa. O ícone “mostra” o que a palavra “demonstra”.

Ao afirmar que Maria é o ícone da Igreja, situamo-nos, ao mesmo tempo, no coração de Maria, como alguém que faz parte da Igreja, e como alguém que **e mostra a verdadeira realidade da Igreja** que, neste mundo, tende para a perfeição.

A caminho da comunhão definitiva com Deus, a Igreja vai seguindo na senda do aperfeiçoamento, mas **comporta no seu seio um membro, imensamente perfeito, que já consumou, definitivamente, a comunhão com Deus** e, por isso, serve, de “modelo” e “exemplo” daquilo para que a Igreja tende. Neste sentido, Maria é ícone da Igreja, porque no-la dá a conhecer na sua perfeição final, como “esposa sem mancha, nem ruga” (Ef 5,27).

Semelhanças entre a Igreja e Maria

São muitas as semelhanças entre Maria e a Igreja. **Ambas são mães e ambas são virgens**; ambas concebem virginalmente do mesmo Espírito; ambas dão à luz, para Deus Pai, uma descendência sem pecado; **Maria, imune de todo o pecado, deu à luz a Cabeça do Corpo; a Igreja, para remissão de todos os pecados, deu à luz o Corpo da Cabeça; Uma e outra é Mãe de Cristo, mas nenhuma delas, sem a outra, deu à luz o Cristo total**. Por isso, nas Escrituras, divinamente inspiradas pelo Espírito Santo, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se, em especial à Virgem Maria e, em particular, a cada cristão.

Diferenças entre Maria e a Igreja

Maria já está glorificada junto de Deus e a Igreja continua em peregrinação neste mundo. **Maria foi santa desde a sua conceção e a Igreja deste “mundo” é santa, mas formada por pecadores**. Maria já atingiu os tempos da escatologia e é membro da Igreja “sem mancha nem ruga”, enquanto a Igreja trabalha ainda “por vencer o pecado e crescer na santidade” (LG 65).

É por sentir estas diferenças que a Igreja se sente atraída pela perfeição e maternidade de Maria, e levantando para Ela os seus olhos, descobre o quanto Ela “brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos” (LG 65).

PONTOS DE DISCUSSÃO

Maria como modelo de fé. Em que sentido representa Maria um modelo para a fé da Igreja?

Como viveu Maria a fé? Deixamo-nos iluminar pela fé de Maria que é nossa Mãe ou achamo-la distante, muito diferente de nós?

O que se diz da Virgem Maria em especial, diz-se da Igreja em geral e de cada Cristão em particular. Se isto é assim, que **lugar deve ocupar a Virgem Maria na vida da Igreja e nas nossas vidas?**

Assim como Maria é a mãe do Filho de Deus, a Igreja é a mãe dos filhos adotivos de Deus. **Vemos a Igreja como nossa mãe?** O que podemos fazer para nos tornarmos melhores filhos? O que pode mudar na Igreja para se revelar uma melhor mãe?

Como é que a Igreja, à imagem da Virgem Maria, pode dar Cristo ao mundo, às famílias, aos jovens do nosso tempo? E nós? Nós que somos Igreja, **qual é o amor que levamos aos outros?**

A fé tornou imensamente fecunda a vida de Maria. Isso está a acontecer também nas nossas vidas? Que nos falta para dizermos “sim” a Deus?

PONTOS DE ORAÇÃO

Ler o texto seguinte e partilhar o que pensamos ao lê-lo.

“A gravidez de Isabel foi para Maria um sinal de que «Nada é impossível a Deus». Frequentemente connosco é igual. Quando Deus nos pede algo, pede-nos por vezes que demos um salto de fé, de confiança. Dá-nos sinais claros de que o caminho é por aí, mesmo que não entendamos como é que o caminho vai ser por aí...”

Não temos de perceber tudo. Mas temos de perceber o que é que Deus nos pede. Por isso é que **não é possível ter fé sem discernimento**. A fé sem discernimento pode levar a grandes asneiras. Com boa vontade podemos fazer coisas que Deus nunca nos pediria para fazermos e acreditarmos em coisas que Deus nunca nos diríamos para acreditarmos.”

Pe. Nuno Tovar de Lemos in *Textos para Rezar*

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Rezar o Caderno da Quaresma
Rezar, em equipa, o Terço
Rezar uma dezena com a tua mãe a agradecer tudo o que faz por ti;

PARA APROFUNDAR

YouCat n.º 85, 147-148
Eis a tua Mãe, Jo 19
João Paulo II, Encíclica *Redemptoris Mater*
D. João Marcos, *A Beleza da Virgem Maria*, Paulus
Vasco Pinto de Magalhães Sj, *Olhar para Maria e ver a Igreja*, Tenacitas
Pedro Miguel Lamet, *As Palavras caladas*, Tenacitas

ORAÇÃO FINAL

Maria, minha mãe,
dirijo-me a ti cheio(a) de alegria
para te dar todo o meu coração.
Também te dou tudo o que tenho e faço,
toda a minha vida.
Quero trazer a ti todos aqueles
que trago no meu coração:
os meus pais, os meus irmãos,
todos os meus amigos,
mas também todos aqueles que me magoaram.
Sê a nossa mãe,
abençoa-nos e protege-nos.
Como criança, quero te amar
como mãe e rezar com fieldade.
Quero me lembrar todos os dias
que pertenço a ti.
Mãe, sou teu no tempo e na eternidade.
Quero andar sempre com Jesus,
Por ti e contigo.
Ámen.

A IGREJA, POVO DE DEUS PRESENTE EM TODAS AS NAÇÕES

ABRIL



A IGREJA, POVO DE DEUS PRESENTE EM TODAS AS NAÇÕES

ORAÇÃO INICIAL | Meditação de passagem Lc 1,39-56

"Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.» Maria disse, então: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre.» Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa."

TEMA

Todo o homem tem uma certa semelhança com Deus. A natureza racional com que fomos criados ordena-nos imediatamente a Ele. A alma espiritual abre-nos à Verdade e ao Bem, considerados na plenitude da sua perfeição. A nossa inteligência tem como objeto último, não uma particular verdade, mas a Verdade em si mesma. E a nossa vontade tende não a um certo bem limitado, mas ao Bem perfeito e pleno, único capaz de saciar a sede do coração. Sto. Agostinho exprimiu esta profunda dignidade do homem na célebre frase: "Fizeste-nos para ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não

repousar em ti". O homem não terminará a sua busca de sentido e de bem, enquanto não se unir a Deus. Nada, senão Ele, o pode satisfazer. Nenhuma riqueza, por maior que seja. Nenhuma criatura, por mais bela. Só o Bem perfeito corresponde ao coração humano. Por isso, só unido a Deus o homem será feliz. No entanto, essa união sobrenatural não é possível se Deus não vier ao encontro do homem, revelando-se. Como poderíamos unir-nos a Deus sem o conhecer? E como o conheceríamos, se Ele não Se revelasse?

Pela revelação, Deus entra no nosso mundo, de tal modo que podemos ouvir a Sua voz e conhecer o Seu coração. Dá-se a conhecer como é em Si mesmo, assim como nos manifesta a razão pela qual nos criou e como nos quer para sempre unidos a Ele. Enfim, abre-nos o caminho para a comunhão eterna consigo. Chamamos Aliança a esta comunhão. E a aliança é a causa final da manifestação de Deus, a razão que O fez falar aos homens.

A Santa Igreja Católica professa desde o dia de Pentecostes que Jesus é o Filho Unigénito de Deus Pai, feito homem para nos libertar da escravidão do pecado e nos conceder a graça da Vida Eterna, enviando o Espírito Santo.

Deus, que se revelou ao povo de Israel e lhe prometeu um Messias Salvador, cumpriu a Sua promessa e completou a obra da nossa redenção em Jesus Cristo. A fé da Igreja não nasce de profundas reflexões dos seus pastores, mas do mistério da revelação divina. A fé é um dom, na medida em que consiste em acolher a Deus que vem ao nosso encontro na revelação do Seu mistério e na chamada à comunhão com Ele. **Jesus Cristo não foi o líder de um movimento religioso que empunhava a bandeira de determinada espiritualidade. Ele é Deus que se revela aos homens e estabelece com eles uma aliança eterna.** Isto é, uma relação de família fundada no dom da vida eterna, a que chamamos graça. Para se dar aos homens, o Filho de Deus assumiu uma natureza humana, no seio da Virgem Maria. Viveu trinta anos oculto; manifestou-se a todo o Israel durante cerca de três anos e, finalmente, levou até ao fim a sua oferta por nós com a sua voluntária morte na cruz. Três dias depois, ressuscitou. E os apóstolos, que o tinham ouvido proclamar-se Filho de Deus, acreditaram. A morte fora vencida e fora restabelecida a comunhão de amor entre Deus e os homens, que o pecado destruíra. O amor divino foi derramado nos corações humanos e fomos recriados, tornando-nos de criaturas rebeldes pelo pecado em filhos muito amados em Jesus Cristo.

Assim, a fé da Igreja consiste em proclamar que Deus foi concebido no seio da Virgem Maria, nasceu, brincou, correu, almoçou e jantou, pregou e morreu pelos nossos pecados. Ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos Céus. A Igreja é a nova família dos filhos de Deus, unidos ao Pai pela comunhão com o Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Por isso, a Igreja é a depositária da graça divina que Jesus Cristo trouxe a toda a humanidade, de todos os tempos e de todos os lugares.

Nosso Senhor Jesus Cristo confiou aos apóstolos a missão de transmitir aos homens o mistério que testemunharam e de que se tornaram participantes, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Pelo batismo, cada homem é unido a Cristo e torna-se pela graça naquilo que Jesus é por natureza, Filho de Deus. O dom do Espírito Santo, que une eternamente o Pai e o Filho, é o fruto Eterno da união a Cristo. Receber o Espírito Santo é assim como um transplante de coração. Recebemos o coração de Deus pelo qual O amamos como filhos e amamos todas as coisas N'Ele e por Ele. É muito importante sublinhar este ponto. Não é por sermos bons que estamos unidos a Deus. É por estarmos unidos a Deus que somos bons. Primeiro vem a união a Deus e depois o comportamento próprio dos filhos de Deus, isto é, a imitação de Cristo. Movidos pelo Espírito Santo, damos a vida como Cristo, carregando a Cruz de cada dia. Primeiro Cristo e a Sua graça; depois, a entrega que nasce da vida de Cristo derramada nas nossas almas. **Por outro lado, é muito importante não cair no erro de pensar que a vida moral - a imitação de Cristo na vida de cada um - é secundária. Se a fé nos une a Cristo, a caridade – pela qual a fé atua – torna-nos semelhantes a Ele.**

A Igreja tem como tesouro a vida de Cristo: a Sua sabedoria infinita refletida na doutrina custodiada no depósito da fé; a Sua bondade eterna derramada e transmitida nos sacramentos; Ele próprio, enfim, presente e atuante nela e por ela. Por isso, é missionária, chamada a levar a todos o tesouro escondido da graça Deus. A fé gera o amor que leva à missão. Quem acredita em Jesus Cristo e recebe o Seu amor pelo Pai e pelos homens, transforma-se noutro Cristo que se oferece pelos seus irmãos e vai ao seu encontro. Assim, toda a Igreja é missionária porque “vive da fé no Filho do homem que me amou e se entregou por mim” (Gal 2,21).

Ao meditar sobre a sua identidade e missão, a Igreja encontra necessariamente Nossa Senhora. Aliás, nela descobre-se a si mesma. A Igreja é mãe como Maria; vive inteiramente de fé como Maria; quer chegar a todos como a Virgem. E como Maria é missionária.

A graça da filiação divina foi dada aos homens por Jesus Cristo. Ao encarnar-se, o Filho de Deus uniu a humanidade a Si. O mistério desta união é a Igreja, que através da pregação e dos sacramentos estende a vida de Jesus a todos os homens. Nada disto seria possível sem Nossa Senhora.

A fé de Maria é a fonte e o modelo da fé da Igreja. A fonte, porque se Maria não tivesse “acreditado em tudo o que lhe foi dito da parte do Senhor”, Jesus não teria entrado no mundo e a Igreja não existiria. **O modelo**, porque Nossa Senhora foi a primeira a acreditar no desígnio salvador de Deus. De tal modo que Sto. Agostinho ensina que “Maria foi mais ditosa recebendo a fé em Cristo que concebendo a carne de Cristo” (De Virginitate). Maria é ditosa por ter acreditado que Deus queria encarnar e salvar os homens, fazendo-se um de nós no seu seio. A fé de Maria foi a porta de entrada de Deus. Sto. Agostinho acrescenta: “De nada aproveitaria a Maria ser mãe de Cristo se não levasse com mais felicidade a Cristo no coração do que no corpo”. Do mesmo modo a Igreja. De nada lhe serviria ter no seu seio a vida de Cristo se não acreditasse. Imaginem, queridos equipistas, que os cristãos deixavam de acreditar na presença real de Jesus na Eucaristia ou na presença da Sua misericórdia e poder de perdoar no sacramento da confissão. Imaginem ainda que deixavam de reconhecer o ensinamento da Igreja como palavra de Deus para a salvação e felicidade dos homens. Então, a Igreja, apesar do tesouro que transporta em si, em nada beneficiaria dessa riqueza por não a reconhecer pela fé. Há tantos cristãos nesta condição. Tantos de nós que, apesar de batizados, não reconhecemos o dom que Deus nos comunicou em Jesus Cristo.

Nossa Senhora é também um exemplo de liberdade e lucidez. Deus não lhe pediu uma obediência cega e mal informada. Pelo contrário. Na anunciação, o Anjo Gabriel descreve muito bem a missão que a Santíssima Trindade lhe reservou. E a pergunta “Como será isso, se eu não conheço homem?”, manifesta o desejo de conhecer com precisão o que Deus lhe pede,

de modo a aderir livremente à Sua vontade. Não erramos, certamente, se dissermos que nunca ninguém deu resposta mais livre do que a jovem Virgem de Nazaré quando retorquiu ao anjo: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa vontade”. A Igreja é chamada a meditar no seu coração, isto é, no coração de cada batizado iluminado pelo Espírito Santo, o mistério de Jesus Cristo. Assim poderá compreender cada vez melhor a exigência cristã e responder livremente ao chamamento de Nosso Senhor. Os primeiros responsáveis por esta busca da Verdade que Jesus nos revelou são o Papa e os bispos a ele unidos. Foi a eles que foi entregue o mandato de ensinar e conduzir na fé a comunidade dos fiéis. Para cumprirem a sua missão precisam de aprender com Nossa Senhora o caminho da oração e da fidelidade total à Verdade. E diante de Jesus, a Verdade encarnada, disser como Maria “Eis aqui o escravo do Senhor...”. Ser servo da Verdade é a liberdade perfeita, como diz o Evangelho de S. João: “Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará”. Maria é mestra da obediência da fé. Todos nós precisamos de aprender com a nossa mãe do Céu. Temos necessidade urgente de nos formarmos na Verdade e de conhecermos a vontade de Deus. Só assim poderemos aderir livremente a Jesus, Nosso Senhor.

A Igreja tem como missão levar a todos o Evangelho do Seu Senhor, chamando cada um a unir-se a Cristo pela fé e pelos sacramentos da fé. Também nisso encontra na Virgem um modelo seguro. Não apenas se põe imediatamente a caminho para ir ter com a sua prima Isabel, como “antecipa” a hora de Deus, apresentando-lhe as necessidades dos homens. Canã não é um episódio isolado. É o modo habitual de viver da Virgem Maria, que sempre intercede pelos seus filhos e nunca se distrai das suas misérias. Assim como aceitou ser a mãe do redentor, assim também se deixou inundar pelo desejo de Deus de salvar a todos. Por isso, intercede por todos e procura a cada um. Também a Igreja, em quem Jesus habita pela Sua graça, caminha neste mundo ao encontro de cada homem, intercedendo por todos e derramando sobre as feridas da humanidade o óleo da caridade.

Aqui procuramos iluminar o mistério da Igreja e da redenção com o exemplo e o mistério de Maria, nossa mãe. Queira Deus que, conduzidos pela Virgem de Nazaré, percebamos cada vez melhor as maravilhas da graça, encerradas e manifestadas na Santa Igreja Católica.

PONTOS DE DISCUSSÃO

De que maneira é que a Igreja leva no seu interior toda a riqueza de Cristo e a dá às almas na pregação e nos sacramentos?

De que maneira é que a devoção à Santíssima Virgem me une a Cristo e é caminho seguro de fé?

Estamos dispostos a aprofundar o conhecimento do mistério de Cristo, meditando-o e guardando-o no coração?

O nosso testemunho diário é necessário ao anúncio da salvação realizada por Jesus? Como?

PONTOS DE ORAÇÃO

“Na vida, há uma paralisia perigosa e, muitas vezes, difícil de identificar. Gosto de a chamar a paralisia que nasce quando se confunde a FELICIDADE com um SOFÁ. Isto é, julgar que, para sermos felizes, temos necessidade de um bom sofá. Um sofá que nos ajude a estar cómodos, seguros, sem nos cansarmos nem nos preocuparmos. Provavelmente, o «sofá-felicidade» é a paralisia silenciosa que mais nos pode arruinar porque, pouco a pouco, sem nos darmos conta, encontramos-nos adormecidos, pasmados, entontecidos.

Só que a verdade é outra! Não viemos ao mundo para «vegetar», para passar comodamente os dias, para fazer da vida um sofá que nos adormeça. Pelo contrário, **viemos com a finalidade de deixar uma marca.** É muito triste passar pela vida sem deixar marca. Quando escolhemos o comodismo, confundindo felicidade com consumo, o preço a pagar é muito, mas muito caro: perdemos a Liberdade. Não somos livres para deixar uma marca.

Amigos, **Jesus é o Senhor do risco**, o Senhor do sempre «mais além». Jesus não é o Senhor do conforto, da segurança e do comodismo. Para seguir Jesus, é preciso ter uma boa dose de coragem, é preciso decidirmos **trocar o sofá por um par de sapatos** que nos ajudem a caminhar por estradas

nunca sonhadas, por estradas que abrem novos horizontes, capazes de nos contagiarem de alegria, da alegria que nasce do amor de Deus. Caminhar pelas estradas de Deus, que nos convida a ser pessoas que pensam, significa ser corajoso, significa ser livre!

O nosso tempo só aceita jogadores titulares em campo, não há lugar para jogadores de bancada. O mundo de hoje pede para sermos protagonistas da história, porque a vida é bela desde que a queiramos viver, desde que queiramos deixar uma marca. Hoje a história pede que não deixemos que sejam outros a decidir o nosso futuro. Não! Nós é que devemos decidir o nosso futuro.

Jesus convida-te a deixar a tua marca na vida, uma marca que determine a história, que determine a tua história, que determine a história de muitos!”

Papa Francisco (2016)

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Trazer uma cruz ao bolso e tocá-la ao longo do dia, recordando o amor de Jesus. Pensar que pequenas coisas podemos fazer ao longo do dia para O amar de volta.

Decide, por algum tempo, fazer um **jejum de leveza** (jejuar de algo que não preciso e sem o qual fico mais leve) e oferece-o a Cristo.

ORAÇÃO FINAL

Concede-me Senhor,

SERENIDADE para aceitar as coisas que não consigo mudar

CORAGEM para mudar aquelas que posso e

SABEDORIA para distinguir umas das outras.

Ámen.

A CAMINHADA DA IGREJA E A UNIDADE DE TODOS OS CRISTÃOS

MAIO



A CAMINHADA DA IGREJA E A UNIDADE DE TODOS OS CRISTÃOS

"A minha vocação é amar no coração da Igreja"
Santa Teresa de Lisieux

ORAÇÃO INICIAL

Senhor,
Manifestai em nós os tesouros da vossa Misericórdia
E, pelo poder do Espírito Santo,
Fazei desaparecer as divisões entre os Cristãos,
Para que a Igreja apareça mais claramente,
Como sinal erguido no meio dos povos
E a Humanidade, iluminada pelo vosso Espírito,
Acredite n'Aquele que nos enviaste.
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre
Ámen

TEMA

Introdução

No tema deste mês, inspirados pelo nosso Papa São João Paulo II e na Encíclica que escreveu dedicada a Nossa Senhora, pretendemos abordar a unidade da Igreja, e de que modo é que nós, cristãos, podemos trabalhar para a promover.

O Papa São João Paulo II destaca diversas qualidades de Nossa Senhora que nos podem inspirar e guiar para construirmos uma Igreja mais unida, nomeadamente a **obediência de fé** de Nossa Senhora, e a **função de Maria na obra da Salvação**, que nos ajudará a aprofundar o mistério que é a Igreja. Além disso, S. João Paulo II vê em Nossa Senhora um **verdadeiro caminho**

de aproximação entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, destacando a enorme devoção a Maria no Oriente.

Não nos devemos cingir, porém, à aproximação entre as Igrejas Católica, Ortodoxa e Protestantes. É um papel de cada um de nós ser construtor de união dentro da própria Igreja. Com espírito aberto e humildade para conhecermos quem partilha a Igreja connosco, e lembrados dos primeiros cristãos (que não concordavam em tudo, mas tinham um profundo amor a Cristo), pensamos e discutimos qual é o caminho da União, sabendo que é precisamente esse caminho o desejado por Cristo.

Contexto Histórico

Para conseguirmos perceber de forma mais completa quais são e de onde vêm os problemas que há no mundo, é necessário compreendermos o contexto de onde surgem. A Igreja é uma instituição com mais de dois mil anos de existência, e, como tal, já ultrapassou muitos períodos controversos. Ainda assim, manteve-se viva e chegou até aos nossos dias com uma vontade renovada de seguir Cristo, vontade confirmada a cada dia, mas explicitamente expressa nos documentos do Concílio Vaticano II, nos anos 60 do século passado. Por isso, destacam-se, de forma breve, três momentos que nos ajudarão depois a discutir o tema, sendo dois deles referentes a dois cismas, muito diferentes um do outro: o grande cisma do Oriente, o nascimento da Igreja Luterana e o Concílio Vaticano II.

O **Grande Cisma do Oriente** dá-se por diversas razões, sendo uma verdadeira “bola de neve”. Tudo começa num jogo de poder, quando o imperador Romano **transfere a capital** do Império para Constantinopla (ano 330). A partir daqui o Patriarca de Constantinopla torna-se o prelado mais importante do Império, e passa a denominar esta cidade como uma “segunda Roma”, na qual se encontrava o Papa. O bispo de Roma opõe-se a esta designação, o que cria alguma tensão. Além disso, o Império Romano sofre uma divisão administrativa, fazendo nascer **dois estados distintos** (ainda que formalmente unidos), com organizações política e militar diferentes, às quais se acrescentam as divergências culturais e linguísticas. A comunicação entre Roma e Constantinopla torna-se gradualmente mais complexa. Acrescentando

a tudo isto algumas divergências no que toca à **definição** de certos **dogmas** (principalmente relacionados com a Santíssima Trindade), e de alguns **cânones** (nomeadamente relativos ao celibato permanente dos sacerdotes), divergências essas que foram sendo vistas como estruturais, começam-se a criar tradições distintas, dando origem, posteriormente, a duas Igrejas distintas: a Católica (latina) e a Ortodoxa (oriental).

O **nascimento da Igreja Luterana** deveu-se a uma altura controversa na História da Igreja Católica, na qual os sucessivos papas, além de terem vidas que não iam de acordo com os ensinamentos da Igreja, vendiam indulgências para perdão dos pecados de quem as comprava. Tudo isto foi criticado por Martinho Lutero, um monge agostiniano e professor de Teologia, em 1517, que começou a pregar contra o Papa. Isto levou à sua excomunhão, o que culminou, anos mais tarde, na fundação da Igreja Luterana.

No **Concílio Vaticano II** a Igreja sofre, em certos campos (nomeadamente da liturgia, da relação da Igreja com o mundo e da função dos leigos na construção da Igreja), transformações profundas. De forma muito resumida, **antes** do Concílio Vaticano II tínhamos uma Igreja cuja espinha dorsal era o Sacramento da Ordem e cuja organização era, de certa forma, hierárquica. **Após** o Concílio, temos o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia como espinha da Igreja, Igreja essa na qual todos exercem o mesmo serviço do Reino de Deus pela “diversidade de graças, ministérios e actividades”. Na relação Igreja-Mundo, **antes** do Concílio, tínhamos uma Igreja menos aberta, olhando para o mundo como um inimigo da alma. **Após** o Concílio, temos uma Igreja mais aberta aos problemas reais das pessoas, e que olha para o mundo não só como lugar de pecado, mas também como lugar onde acontece a salvação de Jesus: “estando no mundo para ser santa, servindo a salvação”.

O desejo Ecuménico e o papel de Nossa Senhora nele

O Ecumenismo é o desejo de unir as várias igrejas cristãs numa só, eliminando barreiras criadas ao longo da História e que nada têm a ver com o projeto de Deus para a Humanidade. São João Paulo II acreditava que a caminhada da Igreja, em especial nesta altura, está “marcada pelo sinal do Ecumenismo”, sendo que os cristãos procuram caminhos de reconstituir a unidade que Deus deseja para os seus discípulos.

De facto, e principalmente a partir do século XX, a Igreja tem caminhado no sentido do ecumenismo. O Papa São João Paulo II designa o Concílio Vaticano II como baluarte do desejo ecuménico. Por exemplo, o diálogo oficial entre a Igreja Católica e a Igreja Luterana começou há 50 anos.

São visíveis nos nossos dias as tentativas de aproximar as várias igrejas cristãs, promovendo o diálogo e, com profundo conhecimento do que levou à separação da Igreja, adotar uma postura de humildade e abertura para aprendermos uns com os outros.

Em 2016, por exemplo, o Papa Francisco visitou a Suécia a propósito das Comemorações dos 500 anos da Reforma Luterana, e rezou pelo “diálogo em busca da plena comunhão de todos os cristãos”.

Outro passo recente e importante foi dado em 2017 entre o Papa Francisco e a Igreja Ortodoxa, no qual as duas Igrejas passam a reconhecer o Batismo uma da outra para alguém que, sendo batizado numa e decida juntar-se à outra, não precise de ser batizado novamente, recordando-se que “é através do Batismo que passamos a fazer parte do Corpo de Cristo que é a Igreja”. Neste encontro, os dois líderes concordaram que “alguns acontecimentos trágicos e o sangue derramado pelos nossos fiéis, perseguidos e mortos pelo simples motivo de serem cristãos, recordam-nos mais do que nunca que o ecumenismo dos mártires nos une e encoraja-nos a prosseguir no caminho da paz e da reconciliação”.

São João Paulo II salienta o **papel da Nossa Senhora** como guia para este encontro. Recorda a “**obediência de fé**” de que Maria é o primeiro exemplo. Neste aspeto, o Papa destaca a profunda devoção que existe a Nossa Senhora entre os cristãos Orientais, e chega mesmo a dizer que este “é um motivo de grande alegria, como **sinal de esperança e de consolação**”.

Também o Papa Francisco destaca o papel de Maria na Igreja, afirmando inclusivamente que um cristão, **sem Nossa Senhora**, tal como um cristão **sem Igreja, é órfão**. E todo o cristão precisa de ter uma relação com estas “duas mães”.

Por fim, São João Paulo II recorda que **a unidade só poderá ser reencontrada verdadeiramente se for fundada sobre a unidade da fé**.

E obriga-nos a pensar em Nossa Senhora como um meio para chegar a esse fim, dado esta ser Mãe da Igreja, da seguinte forma: “se o mistério do Verbo Incarnado nos faz vislumbrar o mistério da maternidade divina, e se a contemplação da Mãe de Deus, por sua vez, nos introduz numa compreensão mais profunda do mistério da Incarnação, **o mesmo se deve dizer do mistério da Igreja e da função de Maria na obra da salvação** – ao aprofundar um e outro, os cristãos poderão progredir juntos na «peregrinação da fé» de que Maria é o exemplo”. (RM, 30)

O nosso papel dentro da própria Igreja e Conclusão

Muitas vezes somos testemunhas (e até muitas vezes causadores) de falta de unidade dentro da própria Igreja. E para sabermos bem que posição tomar e de maneira a construirmos uma opinião, temos que, por um lado, contar com a História da Igreja, que, com 2000 anos de existência, já ultrapassou muito; e, por outro lado, procurar sempre a comunhão. Esta comunhão nem sempre é óbvia, mas é certo que precisamos de recorrer aos critérios de Jesus e sermos fiéis e ter confiança nos que, connosco, dedicam a sua vida à construção da Igreja, a começar no Papa e a acabar em nós.

Por isso é que não nos podemos esquecer do exemplo de Nossa Senhora, que confiava plenamente no seu Filho e que, tal como em relação a Jesus, confia plenamente em nós para, a cada dia, “fundarmos a Igreja”.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Qual é a importância de rezar pela Igreja?

A partir do momento em que somos batizados passamos a fazer parte do corpo de Cristo. O que é que este facto nos revela em relação à Igreja (corpo de Cristo)? Se estamos fora das coisas que a Igreja promove e fora dos Sacramentos, tornamos o corpo de Cristo mais incompleto?

Sentirmo-nos parte viva e integrante da Igreja motiva-nos a ajudar as outras pessoas a sentirem o mesmo? Estamos implicados no projeto de salvação dos outros que estão à nossa volta?

Conhecendo o exemplo de Nossa Senhora, o que é que nos chama mais a atenção na sua maneira de ser? E o que é que isso tem a ver com a construção de uma Igreja mais unida?

Como é que sabemos que a Igreja está a ir no caminho da vontade de Deus?

Como é que podemos distinguir alguém cuja opinião é causa de rutura na Igreja de alguém que procura o bem da Igreja?

PONTOS DE ORAÇÃO

"Peço-vos, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estejais todos de acordo e que não haja divisões entre vós; permanecei unidos num mesmo espírito e num mesmo pensamento. Pois, meus irmãos, fui informado pelos da casa de Cloé, que há discórdias entre vós.

Refiro-me ao facto de cada um dizer: «Eu sou de Paulo», ou «Eu sou de Apolo», ou «Eu sou de Cefas», ou «Eu sou de Cristo». Estará Cristo dividido? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Ou fostes batizados em nome de Paulo?

Dou graças a Deus por não ter batizado nenhum de vós, a não ser Crispo e Gaio, para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome."

1Cor 1, 10-14

O que é que me chama mais a atenção neste texto?

Muitas vezes os Apóstolos eram enviados, no mínimo, 2 a 2 a pregar e a espalhar a mensagem de Jesus, para que um pudesse ir corrigindo o outro. O que é que posso aprender deste exemplo?

Na minha vida, o que é que mostra sinal de divisão?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Saber o que o Papa Francisco está a pedir aos Cristãos durante o mês e rezar pelas suas intenções.

Arranjar, em equipa, um santo “padroeiro” da Equipa. E rezar pela sua intercessão para que, com o seu exemplo, em Equipa possamos amar mais a Igreja.

Ir à missa da minha paróquia num dos Domingos (ou num dia da semana) antes da próxima reunião e rezar pelas pessoas que partilham aquela celebração comigo.

PARA APROFUNDAR

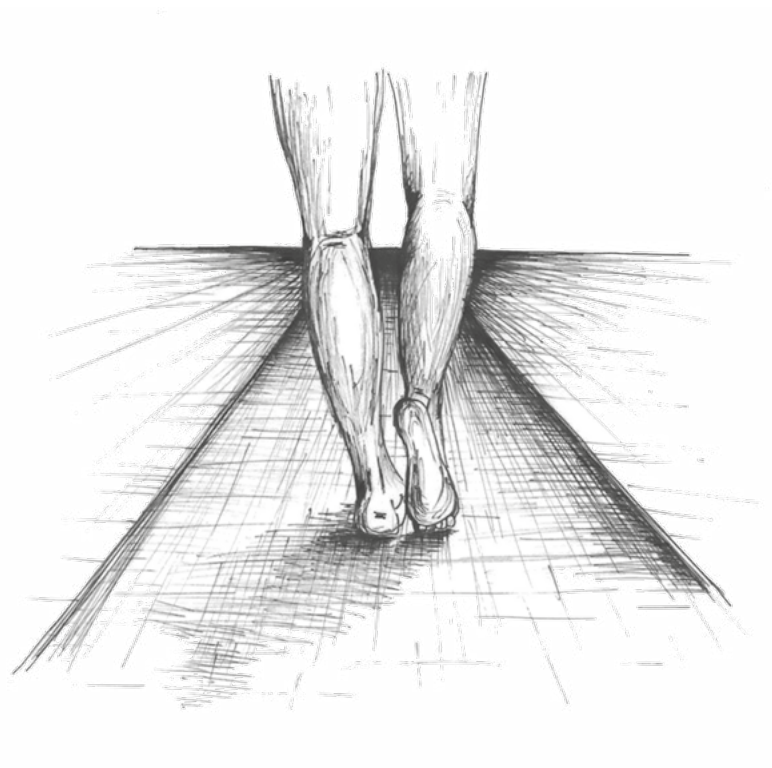
Papa Paulo VI, 1964, Decreto *Unitatis Redintegratio*

ORAÇÃO FINAL

Pai Nosso que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dais hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
e não nos deixeis cair em tentação
mas livrai-nos do mal.
Ámen.

"O «MAGNIFICAT» DA IGREJA PEREGRINA"

JUNHO



"O «MAGNIFICAT» DA IGREJA PEREGRINA"

ORAÇÃO INICIAL

Senhor meu Deus,
não sei para onde vou
não vejo o caminho em frente
nem sei ao certo onde ele findará.
Na verdade nem me conheço
e o facto de pensar
que estou a seguir a Tua vontade
não quer dizer que eu esteja a ser-lhe fiel.
Mas creio que o desejo de Te agradar
Te agrada realmente.
E espero manter este desejo
em tudo quanto fizer.
Espero jamais fazer qualquer coisa
alheia a este desejo.
Sei que, se agir assim,
Tu me conduzirás pelo caminho certo,
embora eu nada possa saber sobre ele.
Por isso, sempre confiarei em Ti,
mesmo que me sinta perdido
ou às portas da morte,
nada recearei,
pois Tu estás sempre comigo
e nunca me deixarás sozinho.

Thomas Merton

TEMA

Ao longo deste ano temos vindo a acompanhar esta que foi a primeira encíclica do Papa São João Paulo II dedicada a Nossa Senhora. Central na vida da Igreja, Maria é também modelo primeiro no nosso movimento. Somos as suas Equipas, queremos aprender de Nossa Senhora a ser como ela,

inteiramente dedicada a Jesus. Assim como Nossa Senhora foi determinante na vida do Papa São João Paulo II, assim na nossa queremos crescer cada vez mais no conhecimento e na obediência aos pedidos de Maria, que sabemos serem os mais sábios e bondosos que nos vão levar de forma segura até à santidade.

Depois de termos visto na primeira parte da encíclica Maria no Mistério de Cristo, nesta segunda parte temos vindo a refletir no lugar de Nossa Senhora no seio da Igreja que está a caminho. Esta imagem da Igreja peregrina lembramos de imediato o povo de Israel, que podíamos quase dizer que era o “esboço” da Igreja: povo escolhido por Deus, com quem Ele fez sucessivas alianças num desígnio evidente de amor e de salvação. Este era um povo essencialmente peregrino: a sua História é fortemente marcada pela saída do Egipto, onde eram escravos, através da longa e dura travessia do deserto, até chegar à Terra Prometida. **Também a Igreja está a caminho, e a caminho da Terra Prometida. Não já um lugar físico apenas, porque todo o nosso mundo é lugar da presença de Deus, mas aquele lugar que Deus preparou para nós desde o princípio, e para o qual nos chama todos os dias: o Céu.** Esta é a meta do nosso caminhar, através daquele deserto em que tantas vezes se vê transformada a nossa vida.

É verdade que este caminho tem muitas dificuldades e obstáculos, todos causados pelo drama que é o pecado, mas nunca devemos desanimar e perder a confiança em Deus. É necessário fazer crescer a nossa vontade de percorrer com perseverança esta estrada, porque Deus nunca nos abandona e a todos quer oferecer a sua Graça: “Prosseguindo entre as tentações e tribulações da caminhada, *a Igreja é apoiada pela força da graça de Deus, que lhe foi prometida pelo Senhor*, para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza humana, mas permaneça digna esposa do seu Senhor e, com o auxílio do Espírito Santo, não cesse de se renovar a si própria até que, pela Cruz, chegue à luz que não conhece ocaso” (*Lumen Gentium*, 8).

Uma das grandes tribulações e fonte de sofrimento nesta peregrinação que a Igreja faz sobre a terra acontece dentro do próprio Cristianismo: vemos como é chocante a falta de unidade e comunhão a vários níveis, tais como a divisão das Igrejas Ortodoxas, a Reforma Protestante e tantas outras separações. Mesmo dentro da nossa Igreja vemos muitas vezes falta de comunhão, discussões e contendas motivadas por falta de diálogo, arrogância e orgulho.

Por tudo isto o Papa leva-nos até ao episódio da Visitação (Lc 1, 39-56), na qual Nossa Senhora reza aquela que é a única oração que lhe conhecemos, o Magnificat. Esta oração é de tal maneira preciosa que todos os dias a Igreja a reza, na oração da tarde, as Vésperas. E de facto todos os dias devíamos voltar a ela. **É por isso que esta é a oração das Equipas de Jovens de Nossa Senhora.** E é por isso que agora o Papa a volta a propor como guia no nosso peregrinar.

O Magnificat surge em primeiro lugar como resposta. Depois do episódio da Anunciação, vemos como Maria, em atitude de serviço diligente, se põe a caminho para auxiliar a sua prima Isabel. Como já vimos, na Anunciação podemos dizer que Nossa Senhora deu uma resposta de fé, clara e afirmativa. Disse o seu sim, um faça-se a Tua vontade. “Agora, na Visitação, quando Isabel, na sua saudação, dá um testemunho daquele momento culminante, a fé de Maria enriquece-se de uma nova consciência e de uma nova expressão. Aquilo que no momento da Anunciação permanecia escondido na profundidade da «obediência da fé» dir-se-ia que agora daí irrompe, como uma chama clara e vivificante do espírito.” (RM, 36) É como se Maria já tivesse amadurecido uma resposta mais completa. Não que a primeira resposta fosse insuficiente. Logo na Anunciação Maria deu como resposta ao Arcanjo um sim total e definitivo, mas agora esta resposta é mais desenvolvida, é já uma meditação da própria História de Deus com o seu povo a caminho e de como Maria vê continuar, agora na sua própria vida, com imenso espanto e perplexidade, as maravilhas de Deus.

“Maria é a primeira a participar nesta nova revelação de Deus e, mediante ela, nesta nova «autodoação» de Deus. Por isso proclama: «Grandes coisas fez em mim... e santo é o seu nome».” (RM, 36). **Nossa Senhora inaugura uma nova fase da história da Salvação, o seu capítulo mais excelente, a Encarnação do Verbo de Deus, do Filho muito amado. Este é o momento central da História da Salvação, esta é a resposta de Deus às súplicas do pecador que se vê derrotado pelo pecado.** Este é o início da Nova e Eterna Aliança que vem redimir o homem condenado pelo pecado.

É por isso para nós muito difícil imaginar o que iria no coração de Nossa Senhora diante desta realidade sublime. Uma jovem tão humilde que se vê no

centro do maior mistério da Humanidade, Jesus Cristo, Deus feito homem, só pode confiar e entregar-se a Deus, sentido a sua pequenez diante da imensidão dos desígnios misteriosos do Senhor.

O que o Papa nos propõe então é fazer como Nossa Senhora: rezar o Magnificat, oração de ação de graças tanto na história de um povo e da Igreja a que pertencemos, como ao mesmo tempo oração íntima e pessoal das maravilhas que contamos na memória da nossa vida. Esta oração tem o poder de nos animar porque põe em perspetiva as dificuldades do caminho com a esperança cristã, e ao mesmo tempo abre o nosso coração aos outros. **Toda esta oração é uma meditação** sobre a ação de Deus junto dos mais pequenos e desprotegidos, dos pobres e dos oprimidos. Demonstra a força de Deus que é real e não apenas teórica, manifesta o seu amor que age através de nós quando nos empenhamos em lutar contra as desigualdades e injustiças. “A Igreja, que, embora entre «tentações e tribulações», não cessa de repetir com Maria as palavras do Magnificat, «escora-se» na força da verdade sobre Deus, proclamada então com tão extraordinária simplicidade; e, ao mesmo tempo, *deseja iluminar com esta mesma verdade acerca de Deus* os difíceis e por vezes intrincados caminhos da existência terrena dos homens.” (RM, 37). **É oração de ação de graças** porque prova na nossa vida a presença de Deus salvador.

Por fim, neste último ponto, o Papa recorda-nos a opção preferencial de Jesus pelos pobres e de como essa foi também a opção de Maria no Magnificat. Jesus olha com especial amor para os pobres e deseja para cada um de nós uma pobreza evangélica. Essa é a nossa tarefa, esse é o desejo expresso no Magnificat. “A caminhada da Igreja, portanto, já quase no final do Segundo Milénio cristão, implica um empenhamento renovado na própria missão. Segundo Aquele que disse de si: «[Deus] mandou-me a anunciar aos pobres a boa nova» (cf. Lc 4, 18), a Igreja tem procurado, de geração em geração, e procura ainda hoje cumprir esta mesma missão.” (RM, 37).

Estas palavras continuam perfeitamente atuais no magistério do Papa Francisco, que insistentemente nos recorda o cuidado e a prioridade que devemos dar aos mais pobres. Aliás, foi instituído pelo Santo Padre pela primeira vez um Dia Mundial dos Pobres, dia dedicado à oração e ação em prol dos mais desfavorecidos.

Diz o Papa nessa primeira Mensagem: “Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida. Na verdade, a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica. E deste modo de viver derivam alegria e serenidade de espírito, porque se toca palpavelmente a carne de Cristo. Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia.” (Mensagem do Papa Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres, de 13 de Junho de 2017).

O Papa Francisco deseja uma Igreja pobre para os pobres e esse é um grande desafio da nossa vida. Esse é o caminho apontado pelo Magnificat, essa é a estrada em que na nossa vida encontraremos Jesus Cristo, pobre e simples, e n’Ele encontramos o sentido definitivo, a resposta ao desejo de amor semeado por Deus no nosso coração.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Que desafio é este de viver a pobreza evangélica? Como podemos viver de forma mais pobre? De que forma é que isso se traduz numa riqueza nas nossas vidas?

Como é que podemos responder à pobreza à minha volta? Como é que podemos reagir ao ver um sem-abrigo ou um pedinte na rua?

PONTOS DE ORAÇÃO

É para mim um desafio rezar em Igreja? Não fazer da oração apenas coisa minha, com os meus pedidos e agradecimentos, mas pensar e sentir, estar e falar em nome da Igreja, sabendo que faço parte de um corpo maior do que apenas eu?

Na minha oração faço memória das maravilhas de Deus? Que momentos/ pessoas/lugares identifico como sinal do amor de Deus?

Tomo consciência que sou também peregrino na minha vida espiritual? Tenho desejado continuar a fazer caminho, com uma exigência sempre crescente? E ao mesmo tempo tenho esperança nos momentos em que embato na minha fragilidade e caio, não deixando de confiar em Deus que está comigo para me levantar e fazer voltar ao caminho?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Como posso concretizar, na minha equipa, o amor preferencial de Jesus pelos pobres? Decidimos em equipa uma ação de caridade.

Cada um fazer, para apresentar na próxima reunião da Equipa, o seu Magnificat, ou seja, uma oração pessoal de ação de graças pelas maravilhas que Deus vai fazendo nas suas vidas.

PARA APROFUNDAR

Mensagem do Papa Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres
Rezar as passagens da Anunciação e da Visitação (Lc 1, 26-56)
Santa Teresa de Calcutá, “Vem, sê minha luz”

ORAÇÃO FINAL | Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração

Sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço

E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos

E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens

E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,

Lembrado da sua misericórdia,

Como tinha prometido a nossos pais,

A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho

E ao Espírito Santo,

Como era no princípio,

Agora e sempre.

Âmen.

BALANÇO

JULHO



BALANÇO

ORAÇÃO INICIAL

Vem Espírito Santo,
Aquece o que está frio,
Humedece o que está seco e febril
Cura o que está doente
Move o que está rígido
E aproxima o que está distante
Ámen

TEMA

Chegámos a meio da caminhada. Passou meio ano. Desde janeiro que andamos a construir, em equipa, um caminho. Este ano, especificamente, construímos este caminho com um olhar especial para Nossa Senhora, para a qual nos viramos com os olhos da Igreja através do que nos deixou escrito S. João Paulo II.

A reunião de balanço às vezes é deixada de parte. Ou se fala de outra coisa, ou não se faz balanço. Mas por alguma razão as Equipas insistem nesta avaliação. **Todos os anos todos os cadernos de temas têm um mês dedicado ao balanço.**

Porque é que o balanço é feito em julho e não, por exemplo, em dezembro, quando acaba o tema do ano anterior e estamos mais dispostos a colher os frutos que recebemos do estudo e da oração dos temas? O balanço é feito em julho, porque é próprio do balanço avaliar o que tem sido bom e queremos que continue e o que não tem sido bom e queremos cortar, com o propósito de, em Setembro, abordarmos novamente os temas do caderno com um espírito renovado e longe do ruído dos dias.

O tema de balanço é trabalhoso. Às vezes visto como um “intervalo” nos temas do caderno ou uma chegada antecipada das férias, o tema de balanço

é exatamente o oposto! É um tema que exige trabalho e, acima de tudo, muito esforço de memória.

O balanço é um discernimento. Durante a preparação da reunião e durante a própria reunião vamos olhando para dentro. Como está a Equipa... Como estou eu... Como estou eu na Equipa... O que é que sentimos? Paz ou inquietação? Como é que estamos? Implicados ou indiferentes?

O balanço é algo concreto. É preciso darmos nomes às coisas que vemos e que sentimos. Num balanço passa-se o mesmo. Com o espírito alerta para a realidade, temos que tentar olhar para o que passa à nossa volta e em nós com sentido crítico e darmos nomes às coisas.

Existem maus balanços. Quando não somos capazes de olhar para a nossa volta e para nós mesmos com um olhar humilde, que procura servir melhor Deus e crescer no amor a Jesus e à Igreja, não estamos em boas condições para avaliar. **É preciso pôr tudo à disposição de Deus.** Só aí é que alcançaremos a liberdade que uma avaliação nos exige.

Estar nas Equipas e viver a Fé não segue fórmulas. Segue critérios! E esses critérios foram-nos dados por Jesus. É a partir desses critérios que fazemos balanço. E é daí que partiremos.

Por isso, com espírito livre e entregue, começamos, com alegria, o balanço!

Tema – “mais do mesmo” ou oportunidade de crescimento?

- O que é que até agora me tocou mais neste tema?
- O que é que me impressiona e me chama a atenção em cada tema?
- Em que é que fiquei mais apreensivo ou não percebi tão bem ao longo destes temas?
- O que é que fui sentindo ao longo das reuniões, quando discutíamos os temas? Sentia-me revoltado? Confuso? Sentia que sabia tudo? Ou que não estava a perceber nada?
- Que exemplos levo até agora, e que coisas é que já vou aplicando na minha vida que tenha aprendido com os temas?

Oração – base concreta ou espuma frágil?

- Como tem sido a minha oração? As Equipas têm-me ajudado a acordar para a necessidade da oração?
- Tenho crescido em fé, esperança e caridade? Tenho amado mais Jesus e, tenho sentido maior necessidade de O imitar?
- Identifico alguma atitude minha que tenha mudado desde janeiro? Qual?
- E, se não consigo identificar nada, porque é que me sinto igual?
- A oração é importante para mim? A oração é central na Equipa?
- Como temos rezado em Equipa? Há um esforço de nos puxarmos uns aos outros para a oração?

Partilha – *checklist* do que fiz ou caminho de Deus comigo?

- Como é que são as minhas partilhas? Sinto-me livre para partilhar aquilo que sinto, ou tenho vergonha e escondido?
- Vou fundo nas minhas partilhas, esforçando-me por dar nomes às coisas ou limito-me a enumerar as coisas que me foram acontecendo?
- Jesus faz parte da minha partilha?
- Ouço as partilhas dos outros? Ouvimos as partilhas em Equipa?
- As partilhas são concisas e objetivas ou ocupam a maior parte da reunião?

Ponto de esforço – rocha que carrego ou carga leve?

- Os pontos de esforço vão de encontro às necessidades da Equipa?
- Que pontos de esforço me ajudaram mais a crescer? Quais é que ajudaram menos?
- Esforço-me por cumprir o ponto de esforço ou já estou numa fase em que, já é tão habitual dizer na reunião que não consegui fazer o ponto de esforço, que já nem tento começar a cumprir?

Movimento – parte da minha vivência das EJNS ou grupo “à parte”?

- O que representa para mim o Movimento?
- Qual é o número da minha equipa? Lembro-me que esse número quer dizer que estou inserido num Movimento? E rezo pelas outras Equipas?
- Já fui a alguma atividade do Movimento? O que trouxe?
- Nunca fui? O que me impede de ir?

Equipa – eu no centro ou os outros no centro?

- Vejo a Equipa como algo que tem que me satisfazer ou como algo em qual estou implicado na construção? Ponho as mãos na massa pela Equipa?
- Como está a qualidade da minha relação com as pessoas da minha Equipa?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Depois de um bom balanço, em que a Equipa viu quais foram os pontos em que cresceu e viu também onde é que tem que começar a apostar, a proposta deste mês é que cada Equipa, de acordo com as suas conclusões, crie um ponto de esforço que vá ao encontro das suas necessidades.

PROPOSTAS DE LEITURA PARA AS FÉRIAS

Caderno de Oração para o Verão

Pe. Nuno Tovar de Lemos Sj, “O Príncipe e a Lavadeira”

Pe. Carlos G. Vallés Sj, “Saber escolher: a arte do discernimento”

Padre José Tolentino Mendonça, “Nenhum caminho será longo”

Thomáš Halík, “Paciência com Deus”

ORAÇÃO FINAL

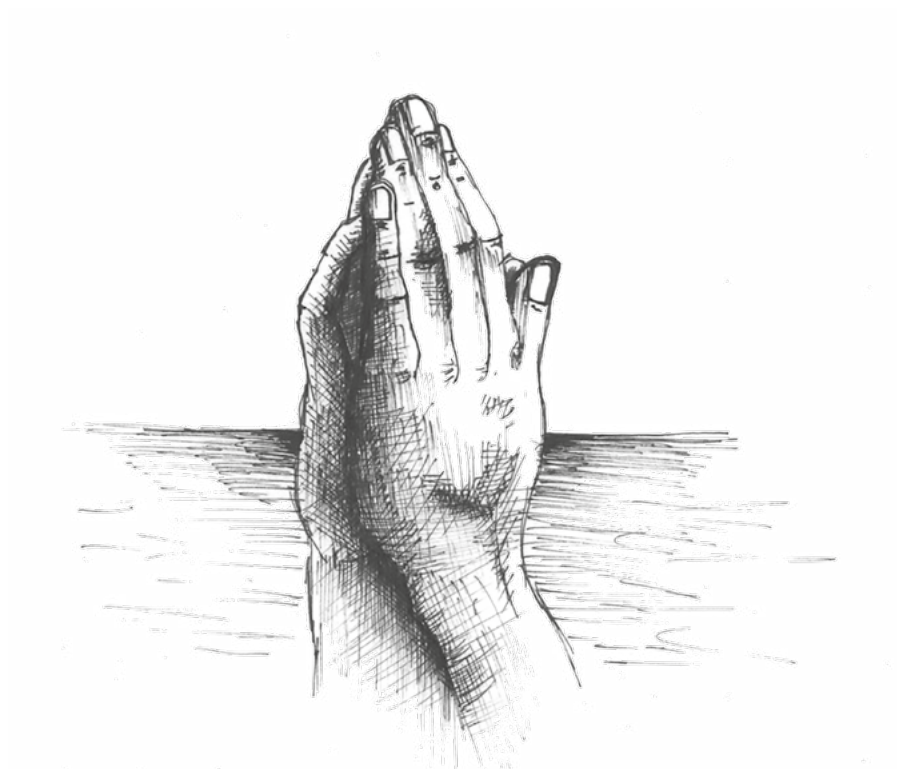
Tomai, Senhor, e recebei
toda a minha liberdade,
a minha memória,
o meu entendimento
e toda a minha vontade,
tudo o que tenho e possuo,
Vós mo destes,
a Vós, Senhor, o restituo.

Tudo é vosso,
disponde de tudo,
à vossa inteira vontade.
Dai-me o vosso amor e graça,
que esta me basta.
Âmen.

Santo Inácio de Loyola

MARIA, SERVA DO SENHOR

SETEMBRO



MARIA, SERVA DO SENHOR

ORAÇÃO INICIAL

A vossa palavra é farol para os meus passos
e luz para os meus caminhos.
Jurei e estou decidido
a guardar os vossos justos juízos.

Estou em grande aflição, Senhor,
fazei-me viver, segundo a vossa palavra.
Senhor, aceitai os louvores da minha boca
e dai-me a conhecer os vossos juízos.

A minha vida anda em constante perigo,
mas nunca me esqueço da vossa lei.
Embora os pecadores me armem um laço,
nunca me afasto dos vossos preceitos.

As vossas ordens são a minha herança eterna,
são elas que dão alegria ao meu coração.
Habituei o meu coração a cumprir os vossos decretos,
até ao fim e para todo o sempre.

Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo
como era no princípio, agora e sempre. Amen.

TEMA

1. Mediação de Jesus e a cooperação de Maria

O Papa João Paulo II começa por explicar que existe apenas um mediador entre Deus e os homens: Jesus. O que é que isto significa? Que só Jesus consegue ligar-nos a Deus. Lembra-te: ele é homem verdadeiro e Deus verdadeiro. Por isso, como ele é homem, podemos chegar até Ele; mas como é Deus, ao chegar a Ele, chegamos à Trindade.

Mas então qual é a necessidade de ter, no meio desta “equação”, a figura de Nossa Senhora? Vamos diretamente a Jesus não? Para quê recorrer à maternidade de Maria? Bom, se calhar para muitas relações que temos aqui nesta vida, estar com o “João” implica estar menos com o “Pedro”. Ou então imaginem dois namorados que querem ir sozinhos ao cinema, mas têm sempre o “Carlos” a colar-se ao programa... aí o “Carlos” está a atrapalhar a relação destes dois namorados. Mas com Maria, as coisas são completamente diferentes: quanto mais estamos com Maria, mais estamos com Jesus; quanto mais procuramos Maria, mais o nosso coração pertence a Jesus.

Isto porque Maria não está “fora” de Jesus; ela está intimamente unida a Ele. Maria aproxima-nos apenas de Jesus; ela não faz outra coisa senão isso.

Se calhar já tivemos a graça de conhecer pessoas que basta estarmos com elas, que nos sentimos mais perto de Jesus. Pessoas que são fiéis a Deus, que rezam que transbordam um enorme amor a Jesus e aos outros. Passar tempo com essas pessoas faz-nos voltar a querer estar mais perto de Deus. Tanto é, que quando perdemos estas pessoas, sentimo-nos desamparados. Eu, por exemplo, sempre que estou com um amigo meu e conversamos um pouco, sinto logo necessidade de voltar a rezar mais. Os que estão próximos de Deus, aproximam-nos de Deus. Ora, se isto é assim com algumas pessoas que conhecemos, não vos parece que com Maria (a discípula mais fiel de sempre) esta ligação a Jesus não será perfeita? Ela não atrapalha o nosso contacto com Jesus; ela facilita! Quando chegamos perto de Maria, já estamos no terreno de Jesus. Enquanto nós somos um misto de canal e barreira, Maria é uma porta escancarada para Jesus.

Por isso é que João Paulo II e toda a Igreja nos querem ensinar a ter espaço para Maria na nossa vida de fé, para ganharmos mais espaço para Jesus. Temos de confiar neste apoio de Mãe. E esse apoio de Mãe não é só para ter sorte na vida, para que as coisas me corram bem, mas antes de mais para que a minha vida encontre a vida de Jesus. Esse é o único apoio que verdadeiramente precisamos.

Se olharmos para os mistérios de Jesus, também nos apercebemos que Ele escolheu aproximar-se do mundo através do sim de Maria. Como te parece que Ele se quer aproximar do teu mundo hoje? Se olharmos para Maria, temos de encontrar o Jesus que está a vir para mim. Maria é aquela que já experimentou em si, de maneira perfeita e definitiva, os efeitos do amor de Jesus (da mediação

de Jesus)...e esse amor que a preencheu transborda agora para nós... por isso é que coopera nessa mediação de Jesus.

Tudo isto faz-me lembrar de dois momentos decisivos da minha vida de fé – o regresso à confissão e um encontro muito forte com Jesus vivo – aconteceram precisamente quando estava a caminho de dois santuários marianos.

Também é muito engraçado perceber o santuário de Fátima; no centro do Santuário está a imagem de Jesus, e não de Maria. E a imagem de Nossa Senhora está voltada para a imagem de Jesus.

Ainda na mensagem de Fátima, logo na primeira aparição, Nossa Senhora pergunta aos pastorinhos: «Quereis oferecer-vos a Deus?». É para provocar esta oferta a Deus que Maria nos é dada como Mãe.

2. Maria dá-se: mãe e esposa

Maria aproxima de Jesus porque está *submetida* sempre a Jesus. Está oferecida a Jesus. O primeiro momento mais visível dessa submissão ao Mediador entre Deus e os homens, é o momento da Anunciação do Anjo Gabriel, em que Maria acolhe a graça de ser mãe do Salvador.

Mas atenção! Este acolhimento da maternidade não é apenas uma experiência passiva da parte de Maria. Maria oferece a Deus o espaço aberto do seu corpo e do seu coração para que Jesus aí habite! O espaço é todo para Ele. O acolhimento da maternidade é uma expressão de dom total a Deus. A maternidade de Maria é também fruto da sua virgindade oferecida a Deus: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Este é quase como o momento de fundação em que Maria diz: «estou para sempre submetida a Jesus. Deus pode usar-me da maneira que quiser».

Imaginem que vinha alguém do estrangeiro e precisava de uma casa para viver em Portugal. Eu poderia ser muito generoso e *oferecer* o espaço da minha casa para que essa pessoa pudesse aí viver. Seria uma dádiva, uma oferta. Ora, Maria fez isso, mas aquilo que ela ofereceu, não foi uma casa para Jesus, foi ela mesma. Hospitalidade perfeita! E esta submissão a Deus não é uma realidade passageira ou temporária. Ela viveu este *acolhimento* de Jesus toda a sua vida e como tal, traz sempre consigo a presença de Jesus.

E aqui podemos ver algo ainda mais incrível: Maria submeteu-se ao Deus que se submeteu a Ela. O próprio Deus confiou-se aos cuidados de Maria. Na Incarnação. Deus submeteu-se a ela Filho foi colocado sob os cuidados de Maria. Deste modo, ela cooperou de maneira única na Redenção.

Que Maria se entregue a Deus de maneira perfeita, já nos deixa de “boca aberta”. Mas que Deus desça tão baixo e Se coloque nos braços de Maria... como é que eu posso hesitar ou adiar entregar-me a esta Mãe do Céu?

3. Maria, Serva do Senhor

Maria é a mulher do «Faça-se», é a serva do Senhor. Não é apenas a que faz grandes serviços ocasionais...é a serva. Serviu a missão de Jesus, e agora é-nos oferecida por Jesus como mãe que está ao nosso serviço. Maria, Serva de Jesus é também nossa Serva. Derrama sobre a Igreja e sobre nós, a sua doação. Dá-se à Igreja como mãe. E servindo a Cristo nos outros, conduz os outros para o Rei que é Servo.

Mesmo quando a vemos elevada ao céu, Maria é exaltada não numa glória meramente humana, mas na glória de servir eternamente. Agora no céu, o seu serviço não foi suspenso, do género «Agora descansa que já fizeste muito»... não! Agora esse serviço atinge o seu pico; a vida do céu é a perfeição da vida oferecida a Deus e aos outros.

Isto significa o seguinte: só os servos de Jesus conseguem aproximar os outros d'Ele. Só os servos de Jesus conseguem mostrar no seu corpo e na sua vida o Deus que nos quer servir. É o selo de autenticidade; quem não tem os traços do servo é porque ainda está pouco perto do Jesus servo.

Se pensarmos, por exemplo, na Santa Teresa de Calcutá, sabemos que a sua vida de serva atraiu muitos para Jesus. A forma como ela amou e serviu Jesus nos pobres, com tanto amor real, fez com que outros regressassem a Jesus. Ela costumava dizer: «Tudo o que fazemos fazemo-lo por Ele». Uma vez, um pobre moribundo foi retirado do meio das lixeiras, e foi levado para uma das casas das irmãs. Quando Madre Teresa o lavava, ia descobrindo um corpo cheio de vermes, do qual se desprendiam bocados de pele. Aquele

moribundo lá conseguiu reunir algumas forças para perguntar: «Porque fazes isto?». «Por amor», respondeu Madre Teresa. Este homem morreu com um sorriso. Um jornalista que acompanhou a Madre Teresa no seu serviço, assistiu ao modo como ela tratava de um leproso. Então disse-lhe: «Madre Teresa, eu nem por um milhão de dólares conseguiria fazer isso que está a fazer». Ela respondeu: «Eu por um milhão de dólares também não conseguiria. Só por amor a Deus». Este modo de ser serva atrai tantos para Deus. Quantos não se têm dirigido nos últimos anos para Calcutá à procura da verdadeira vida? Só os servos vencem outros para Jesus.

Nossa Senhora é mestra no serviço:

1.º Na disponibilidade para se entregar ao que Deus quiser; para que Deus faça o que quiser dela; para ser enviada para onde for necessário; para cuidar dos frágeis como aconteceu com a sua prima Isabel. Será esta a minha maneira de estar diante de Deus? Ofereço essa liberdade a Deus ou tento esquivar-me?

2.º Na humildade: Maria não se exalta a si mesma. Ela é exaltada ao baixar-se sempre para servir. Ela não quer destacar-se, quer atrair-nos para Jesus. E eu? Ando atrás de que tipo de glória? A glória do último lugar para servir e para dar espaço a Jesus? Ou a glória da minha imagem? Sinto resistências em ocupar o último lugar no meio dos outros?

Quando o mundo encontra alguém assim como Maria, oferecida a Deus e humilde, então também vai ver que ali está uma outra pessoa maior: Jesus. Os servos tornam Jesus visível no meio do mundo. Muitos preferem colocar-se à frente de Jesus para que todos os vejam, mas impedem o mundo de ver Deus. Os servos dão espaço a que Jesus apareça no modo como vivem.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Precisamos de Nossa Senhora para chegar a Jesus? Posso ter uma relação com Jesus consistente sem “me dar” com Nossa Senhora?

Como é que podemos ser como Maria e encaminhar outros para a vida de Deus? Já fizemos essa experiência alguma vez? Minha vida coopera com a mediação de Jesus?

Que pessoas foram importantes para nos aproximarmos de Jesus?

De que maneira podemos oferecer-nos totalmente a Jesus, à Sua Vontade e ao Seu serviço, tal como o fez Maria? Quais as dificuldades de estar totalmente oferecido à vontade de Deus? Como alcançar a vida humilde?

PONTOS DE ORAÇÃO

"Nos deste a Tua Mãe como nossa, para que nos ensine a meditar e adorar no coração. Ela, recebendo a Palavra e colocando-a em prática, fez-se a mais perfeita Mãe" (João Paulo II).

"Fazer todas as ações por Maria, com Maria, em Maria e para Maria, a fim de mais perfeitamente as fazer por Jesus Cristo, com Jesus Cristo, em Jesus e para Jesus" (S. Luis Maria de Monfort).

"Ninguém terá a Jesus Cristo por irmão, que não tenha a Maria Santíssima por Mãe" (S. Francisco de Sales).

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Lista de pessoas amigas/familiares por quem vamos rezar para que se aproximem de Jesus.

Cada um descobrir a relação que algum santo tinha com Nossa Senhora. Pôr no Whatsapp de Equipa.

Identificar uma dificuldade na minha relação com Jesus. Todos os dias rezar uma dezena por essa intenção.

Decidir uma pessoa que vou querer ajudar este mês a encontrar Jesus.

Fazer uma tarde de evangelização e porta-a-porta em equipa.

PARA APROFUNDAR

João Paulo II, Redemptoris Mater, n. 38-41

João Paulo II, Rosário da Virgem Maria, n. 13-17; 26; 43.

S. Luis Maria de Monfor, Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem

Memórias irmã Lúcia, 172-175 (Primeira Aparição de Fátima)

Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática Lumen Gentium, 60-62

ORAÇÃO FINAL

Santa Mãe do Redentor,
Porta do Céu, Estrela do mar,
socorrei o povo cristão
que procura levantar-se do abismo da culpa.
Vós que, acolhendo a saudação do Anjo,
gerastes, com admiração da natureza,
o Vosso santo Criador,
ó Sempre Virgem Maria,
tende misericórdia dos pecadores.
Ámen.

MARIA NA VIDA DA IGREJA E DE CADA CRISTÃO

OUTUBRO



MARIA NA VIDA DA IGREJA E DE CADA CRISTÃO

ORAÇÃO INICIAL | Invocação ao Espírito Santo

Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do Vosso amor.
Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado,
e renovareis a face da terra.
Oremos:
Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas
e gozemos sempre da sua consolação.
Por nosso Senhor Jesus Cristo,
na unidade do Espírito Santo. Amen.

TEMA

A MÃE DO REDENTOR tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, "ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido duma mulher, nascido sobre a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: «Abbá! Pai!»" (Gál 4, 4-6).

Com estas palavras do Apóstolo São Paulo, que são referidas pelo Concílio Vaticano II no início da sua exposição sobre a Bem-aventurada Virgem Maria, desejo também eu começar a minha reflexão sobre o significado que Maria tem no mistério de Cristo e sobre a sua presença ativa e exemplar na vida da Igreja. Tratam-se, de facto, de palavras que celebram conjuntamente o amor do Pai, a missão do Filho, o dom do Espírito Santo, a mulher da qual nasceu o Redentor e a nossa filiação divina, no mistério da «plenitude dos tempos».

A sua presença no meio do povo de Israel — tão discreta que passava quase despercebida aos olhos dos contemporâneos — brilhava bem clara diante do Eterno, que tinha associado esta ignorada «Filha de Sião» (cf. Sof 3, 14; Zac 2, 14) ao plano salvífico que compreendia toda a história da humanidade. (*Redemptoris Mater*)

Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, "ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, nascido de mulher, ... a fim de recebermos a filiação adotiva" (Gál. 4, 4-5). "Por amor de nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo". Este divino mistério da salvação é-nos relevado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como Seu corpo; nela, os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, e em comunhão com todos os Santos, devem também venerar a memória "em primeiro lugar da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo". (*Lumen Gentium* 52)

Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava Sto. Ambrósio (LG, 188). Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe (LG, 189). Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe. (*Lumen Gentium* 63)

De facto, Maria é Mãe de Cristo e por isso nossa também, e que bom que é percebermos que isso se refletiu sempre na sua vida, e portanto, se assim quisermos também se pode refletir na nossa, caso decidamos seguir o seu testemunho. **Mas que características e atitudes são essas na vida de Maria que devem ser exemplo de Santidade na nossa vida em Igreja?**

Humildade e simplicidade que são fonte de serviço

Durante o episódio evangélico da Anunciação do Anjo a Nossa Senhora percebemos a dimensão da humildade e da simplicidade da vida de Maria. Nesse momento, onde se dá o início da plenitude dos tempos, Deus permite ao Homem, na pessoa de Nossa Senhora, de participar livremente na sua redenção. Ora, e o que mais impressiona na resposta e atitude de Maria é a simplicidade com que encara o desafio improvável (conceber um filho sem ter conhecido homem) que lhe é colocado pelo Anjo. Percebemos com Maria que a verdadeira humildade é fazer sempre a vontade de Deus, independentemente de na altura nos poder parecer uma realização impossível (quando somos humildes deparamo-nos com a realidade de que com Deus não é usada a mesma medida de ver e fazer as coisas - porque a Ele nada Lhe é impossível) ou de poder mesmo ser um constrangimento aparente na nossa vida pessoal (e o constrangimento conhecido de Nossa Senhora era, nem mais nem menos, do que a morte por adultério e, mesmo assim, disse SIM). O desafio é fazermos-nos pequenos para Ele se mostrar grande e operar as suas graças em nós. Outro impressionante testemunho de Maria ocorre quando Jesus, estando esta presente, já na sua vida pública diz que o Reino dos Céus está acima de qualquer relação de parentesco. Maria ao invés de se ofender escutou atentamente e manteve-se fielmente unida ao Seu Filho e Mestre! E sabemos o que disse Jesus daqueles que como Maria fazem de Cristo o centro da sua vida: “Bem-aventurados todos os que ouvem a Palavra de Deus e a põe em prática” (Mc. 3, 35).

Essa humildade que vem do sabermos-nos pequenos permitiu-lhe um desprendimento total de si, deixando lugar a uma obediência na fé que derivava do grande amor que sabia que o Pai do Céu tinha por ela. “O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé” (Adversus haereses 3, 22, 4).

“Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra” (Lc 1, 38). Maria com o seu Fiat torna-se para nós exemplo de entrega total à vontade divina de Salvação dos Homens, e faz, por isso, da sua vida um permanente serviço ao mistério da Redenção. Devemos nós, também, seguir-lhe o exemplo e **procurar que a nossa vida seja o reflexo claro e nítido da Palavra de Deus (não sabemos nunca se a nossa vida não vai ser o único Evangelho que outros poderão vir a ler).**

Confiança em Deus

Tal como Maria, que na Anunciação do Anjo sabia quais as consequências do seu Sim (poder vir a ser apedrejada), não temeu, pois sabia-se nas mãos de Deus, e quem se põe nas mãos Dele sabe que no fim o Bem triunfará sempre, por isso nada há a temer. **E essa confiança que Maria tinha de que com Deus nada devia temer não a fez pensar-se superior aos que não entregavam a sua vida nas mãos do Pai.** Antes a relembra que o Reino dos Céus é dos que se fizeram pequenos aos olhos de Deus e assim viviam todos os dias. “A Virgem de Nazaré tornou-se a primeira «testemunha» deste amor salvífico do Pai e deseja também permanecer a sua humilde serva sempre e em toda a parte. Em relação a todos e cada um dos cristãos e a cada um dos homens, Maria é a primeira na fé: é «aquela que acreditou»; e, precisamente com esta sua fé de esposa e de mãe, ela quer actuar em favor de todos os que a ela se entregam como filhos. E é sabido que quanto mais estes filhos perseveram na atitude de entrega e mais progredem nela, tanto mais Maria os aproxima das «insondáveis riquezas de Cristo»”. (*Redemptoris Mater* 46, 6-12).

Pureza que liberta

Maria é também para nós exemplo máximo de uma pureza de vida que aproxima de Cristo, por ser baseada no amor a Deus e aos outros. Maria, que é como já vimos em meses anteriores a Virgem Perpétua, teve no parto do seu Filho a consagração plena da sua integridade virginal. Por isso, sabemos que Jesus é o seu único filho, porém, a sua maternidade, estende-se a todos os homens que se revestem de Cristo pelo Baptismo e se tornam irmãos do filho primogénito, Jesus. Também a maternidade da Igreja que se estende a todos os batizados, vem da proximidade a Cristo e do acolhimento fiel da sua vontade: “Maria é, ao mesmo tempo, virgem e mãe, porque é a figura e a mais perfeita realização da Igreja: «Por sua vez, a Igreja, que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, torna-se também, ela própria, mãe, pela fiel receção da Palavra de Deus: efetivamente, pela pregação e pelo Batismo, gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu esposo»” (*Lumen Gentium*, 64).

Vemos que a Igreja aprende também com Maria a permanecer fiel ao Seu Esposo, que é Cristo: “Também ela é virgem, que guarda íntegra e pura a fé jurada ao Esposo” (*Redemptoris Mater*, 43). Esta ideia de fidelidade ao seu Esposo tem hoje em dia uma grande relevância, por exemplo, na questão do celibato (total doação a Deus) “por amor ao Reino dos Céus”, onde se pede que a virgindade, de quem entrega a sua vida a Cristo, seja consagrada a Deus. **Esta virgindade é depois fonte de fecundidade espiritual, e por isso fonte de maternidade do Espírito Santo nas suas obras.**

É por isto que consideramos Maria modelo e figura da Igreja mas também reconhecemos que o seu papel vai mais além. **É também através da sua cooperação maternal que se opera o mistério da Igreja, de gerar os homens para uma vida nova e imortal.**

Acompanhamento próximo, mas discreto

Durante toda a vida de Nossa Senhora presenciamos exemplos acabados de proximidade de uma Mãe que ama e se preocupa, mas que sabe muito bem qual o seu papel apesar de tudo o que possa pensar ou sentir. Olhando para o momento do caminho até ao Calvário e depois no momento da morte na Cruz de Jesus, vemos a imagem perfeita deste acompanhamento próximo, mas discreto. Associa-se com coração de Mãe, neste momento de grande sofrimento de Cristo, ao seu sacrifício, consente neste, apesar de toda a dor que lhe provoca ver o filho, o próprio filho, ser acusado e maltratado. E fá-lo porque sabe qual o seu papel na obra de redenção da humanidade, e que este sofrimento é o caminho desejado por Deus para pagar a dívida dos Homens. Vemos, por isso, que até no sofrimento mais profundo que pode existir (ver um filho sofrer) a sua fé se provou inabalável, porque construída e baseada na rocha, que é o Amor de Deus. E como consequência disto e por a saber Boa Mãe, Jesus entrega-a como Mãe à Igreja (Esposa de Cristo) quando diz a João, “Eis aqui a Tua Mãe”, e depois a Maria quando diz “Mulher, eis aí o teu filho”. “A Maternidade de Maria que se torna herança do homem é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente” (*Redemptoris Mater*, 45).

Olhando agora um pouco atrás na infância de Jesus, quando este se perde dos pais no Templo de Jerusalém e Sua Mãe muito preocupada o descobre no meio dos doutores, pergunta-lhe porque fez isso, ao que Jesus responde

que: “Não sabíeis que Eu tenho que de estar na casa do meu Pai?”. Maria em vez de se zangar com Jesus guardou em silêncio no seu coração, aquelas palavras, meditando-as. Ora, e mais uma vez devemos olhar para esta atitude de Maria e tirar algo para a nossa Vida. **Muitas vezes, no meio das nossas preocupações e agitações, não percebemos o porquê dos desígnios de Deus e o que Maria nos ensina é a procurar, através do silêncio humilde e meditante (oração), perceber a vontade de Deus, mesmo que muitas das vezes não seja o que nos apetecesse ou conviesse.** Esta é a única forma de as Palavras de Cristo poderem produzir fruto na nossa vida e sermos testemunho fiel da sua vontade. **Oração, oração, oração!!**

Por fim, assistimos após a ascensão de Jesus aos Céus, a Maria que como uma boa mãe, que acompanha o seu filho a dar os seus primeiros passos, coopera com a Igreja, sua filha, nos seus primeiros tempos através de muita oração (diz o evangelho que se encontrava antes do Pentecostes com os apóstolos em oração pela vinda do Espírito Santo que iluminaria a Sua Igreja a cumprir plenamente a sua missão de ser corpo místico de Cristo na Terra).

Maria como Mulher e Mãe Santa que é torna-se Luz e Farol para cada um dos seus filhos em especial, nos momentos de escuridão e nevoeiro. Olhando para essa luz e seguindo-a, encontramos o Caminho que é Cristo e descobrimos neste a Verdade e a Vida plenas.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Onde inserimos Maria na Vida da Igreja? Procuramo-la na nossa oração e na nossa vida como caminho seguro para chegar ao Pai? Vemo-la verdadeiramente como a nossa Mãe do Céu?

Percebemos o papel fundamental de Maria na minha Salvação? Percebemos do que ela, por amor, abdicou para nos salvar? Agradecemos isso todos os dias?

Vamos descobrindo, na vida, a Alegria que vem do querer ser Santo em todas as pequenas coisas do nosso quotidiano?

Deixamos a nossa Mãe do Céu moldar-nos à imagem do seu filho Jesus? Percebemos que é isso que nos faz verdadeiramente livre e feliz?

PONTOS DE ORAÇÃO

“«Fazei o que Ele vos disser». É curioso, são as suas últimas palavras reportadas pelos Evangelhos, são a sua herança que entrega a todos nós. Esta é a herança que nos deixou, e é belo!” Papa Francisco

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Procurar durante este mês entregar todas as noites o dia que passou à minha Mãe do Céu.

Participar na próxima atividade das EJNS.

Procurar durante este mês focar numa das características/attitudes de Maria que não esteja tão presente no meu dia-a-dia e mudar isso.

PARA APROFUNDAR

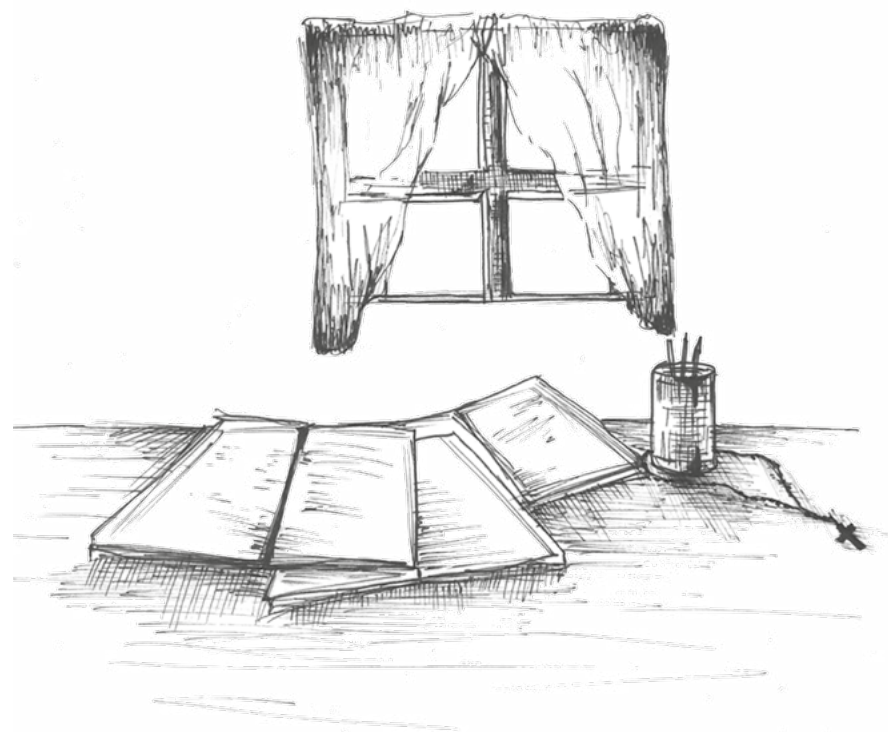
João Paulo II, Encíclica *Redemptoris Mater*, Introdução.

ORAÇÃO FINAL

Maria,
faz-nos sentir teu olhar de Mãe,
guia-nos até ao teu Filho,
faz que não sejamos cristãos de vitrine,
mas cristãos que sabem construir,
com teu filho Jesus,
o seu reino de amor,
de alegria e de paz.
Ámen.

O DESAFIO DE LEVAR O EXEMPLO DE NOSSA SENHORA NO DIA-A-DIA

NOVEMBRO



O DESAFIO DE LEVAR O EXEMPLO DE NOSSA SENHORA NO DIA-A-DIA

ORAÇÃO INICIAL | Salmo do Sim de Maria

Maria, Mãe do Sim,
o teu exemplo admira-me.
Admira-me porque arriscaste a tua vida;
admira-me porque não olhaste para os teus interesses,
mas para os do resto do mundo;
admira-me e dás-me exemplo de entrega a Deus.

Eu queria, Mãe, tomar o teu exemplo
e entregar-me à vontade de Deus como tu.
Eu queria seguir os teus passos,
e através deles, aproximar-me do Teu Filho.

Eu queria, Mãe, ter a tua generosidade e entrega,
para nunca dizer não a Deus.
Eu queria, Mãe, ter o teu amor
para ser sempre fiel ao teu Filho.

Mãe do Sim,
pede ao teu Filho por mim, para que me dê a tua força.
Pede ao teu Filho por mim, para que me conceda
um coração enamorado dele.
Pede ao teu Filho por mim, para que me dê
a graça necessária para me entregar e nunca lhe falhar.

Pedro Muñoz Peñas, Orar com Deus

TEMA

Nossa Senhora teve uma missão e um papel muito especiais na vida de Jesus e na salvação que d'Ele veio para o mundo. Não é por acaso que

aparece junto do Seu Filho, não só nos momentos-chave que os evangelhos apresentam, mas em toda a vida – desde a concepção de Jesus à Sua glória, passando pela morte de Cruz, a que se segue a Ressurreição. Ela é a Mãe do Redentor.

Mas, desde o princípio que Maria está tão unida à Igreja como está unida a Cristo. Ou melhor: unida a Cristo cabeça – Jesus; e a Cristo corpo – a Igreja. Mãe do Cristo total: Cabeça e Corpo. Assim A vemos em momentos em que a Igreja dá os primeiros passos, nos Atos dos Apóstolos, sobretudo no Pentecostes (o envio do Espírito). Onde nasce a Igreja, aí tem de estar a Mãe.

Acontece que o papel que Maria teve na história da salvação continua a ter, agora com outras modalidades e expressões, na caminhada do Povo de Deus, ou seja, na caminhada da Igreja em cada tempo. E isso vale para o conjunto da Igreja e vale para cada cristão: Maria é Mãe da Igreja e, portanto, Mãe de cada um de nós.

Por outro lado, não é por acaso que o que se refere à Virgem de Nazaré nos escritos do Novo Testamento, embora profundo, seja tão modesto. Há até muito silêncio e discrição! É que não podemos baralhar as coisas: Maria é Aquela que aponta para Jesus – Fazei tudo o que Ele vos disser. Como que a dizer: não sou eu que conto, é Ele! Jesus é o Salvador, o único, não eu. E para se chegar a ser cristão a sério, tudo se mantém como desde o princípio: é Deus quem o realiza em cada um daqueles que O aceita, O acolhe e Lhe obedece. E isso nunca acontece isoladamente, mas em Igreja e com uma preciosa ajuda do seu membro mais importante que até é figura acabada da Igreja: a Virgem Maria.

Ela, mais do que ninguém, sabe conduzir para Deus. Ela, mais do que ninguém, sabe como se gera um cristão. Ela, mais do que ninguém, sabe como obedecer a Deus, cooperando com o Espírito Santo, para que se gere Jesus no coração, na vida de cada um de nós, até dizermos com verdade já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim (Gl 2, 20).

Se queremos ter a Vida Eterna (a plenitude, a felicidade) que Jesus nos oferece, guardemos os mandamentos do Senhor, amando-O. Ele virá com o Pai e fará em nós morada e a alegria que experimentaremos será única! (Jo 14, 23; 15, 9-11)

Deus dispôs as coisas de maneira que o caminho mais curto para Jesus seja o caminho que é Maria. Não tenhamos medo então de contar com Nossa Senhora, de lhe pedir ajuda, de a honrar e venerar como merece, de lhe obedecer, de a imitar. Tudo Ela remeterá para Jesus.

Por isso, percorrer o tesouro que a Encíclica Redemptoris Mater encerra, é também acolher a grande graça que é termos Maria como Mãe, nesta caminhada em que nos tornamos, pela ação do Espírito Santo, cada vez mais parecidos com Jesus, até chegarmos ao Pai.

Como nada disto é apenas teórico, vale a pena fazermos agora um esforço suplementar para ligarmos à vida concreta algumas destas verdades em que temos vindo a refletir ao longo destes meses.

Com Maria aprendemos a escutar e a obedecer.

Desde a Anunciação que percebemos que Nossa Senhora é especial. Não porque seja uma heroína ou porque não podia senão obedecer. Ela é livre como nós. Mas aconteceu na sua vida o que é fundamental que aconteça na nossa: Deus dirigiu-lhe a Palavra (Verbo) e ela escutou, obedeceu e disse sim, e formou-se Jesus no seu seio. Para sermos cristãos, isto também tem de acontecer. A todo o cristão, a todo o membro da Igreja (Maria é sempre imagem belíssima e acabada da Igreja), Deus dirige com amor a sua Palavra. Quando dizemos sim a essa Palavra, ficamos “grávidos” de Jesus. E Ele vai crescendo...e um dia “nota-se”, quer dizer, vive em nós, e damos sinais ao mundo de que temos Jesus em nós. Maria tem o segredo para fazer isto bem, porque n’Ela aconteceu realmente da melhor maneira.

Para não ficarmos com uma devoçãozinha a Nossa Senhora que não serve para nada, imitemos as suas atitudes na nossa vida.

Antes de mais, Ela está à ESCUTA, ou seja, tem toda a abertura para Deus e para a Sua vontade.

Não nos é contado, mas podemos imaginar alguma das coisas que antecederam esta Anunciação (Lc 1,26-38). Uma delas é que o próprio Deus olhou para a Virgem Maria com todo o amor e ternura: Ela é a Cheia de Graça! E Nossa Senhora é a serva do Senhor, ou seja, dá-lhe o primeiro lugar, esvaziando-se de si mesma e deixando Deus ser Deus.

Ora, à nossa medida e de acordo com a nossa missão, isto é o que acontece connosco: Deus ama-nos, Deus olha-nos, Deus envolve-nos com a sua graça! Então, esta pode ser a nossa primeira atitude prática: entrar nesta “passividade ativa” que dá trabalho, mas outro género de trabalho... É com alguma provocação que pomos este adjetivo: prática. Também nós, cristãos, nos convencemos que somos os salvadores do mundo, que temos de agora ir fazer muitas coisas, fazer muito bem, agitarmo-nos muito... Mas só Deus salva e tudo começa n’Ele! Portanto, a primeira tarefa é: não fazer nada, ou melhor, deixar Deus fazer, dar-Lhe o primeiro lugar, interior e exteriormente.

A outra, relacionada com a primeira, é esta: para que Maria tivesse percebido que Deus lhe dirigia a Palavra, através do Anjo Gabriel, Ela tinha de ter o ouvido e o coração bem treinados para escutar, com a oração perseverante. Ora isso só acontecia, porque Maria rezava todos os dias, na simplicidade, não como quem pensa que lhe vai acontecer uma coisa especial na vida, mas como quem tem a certeza de que já é uma coisa especial poder estar com Deus. Maria é pequena, no sentido evangélico, quer dizer humilde, mas também delicada o suficiente para perceber quando Deus vem e quando Deus fala. Para isso, Maria cultivava a oração e o silêncio. Maria confia. Ela dá espaço a Deus. E dá tempo a Deus. Ela não começou a ser orante naquela altura. Toda a sua vida até ali, e ainda mais a partir dali, foi uma vida orante, de quem espera por Deus e espera em Deus, mesmo sem saber quando vem, se vem, e o que traz. Então, rezemos muito! Não há outra maneira de dizer: é preciso rezar muito. Afirmarmos que rezamos com a vida não transforma isso por si só em realidade: há que ter muitos tempos de oração, diariamente, com fidelidade, não querendo colher já os frutos, mas obedecendo ao que Jesus nos diz tantas vezes para fazer: vigiar e rezar sempre sem desfalecer. Quando nos apetece e quando não nos apetece. Quando sentimos fervor e quando não sentimos. Quando estamos alegres e quando estamos tristes. Quando precisamos e quando... sempre precisamos! É também importante na nossa vida, reconhecermos que Deus nos fala e intervém por mediações. Com Maria, foi o Anjo Gabriel. Connosco também houve e há “anjos” (= mensageiros). Quantas pessoas já foram para nós sinal do amor de Deus e do Seu cuidado! Pais, educadores, professores, catequistas, irmãos, padres, etc. Dar graças a Deus por isso, ajuda a reconhecer que Ele continua a atuar e a falar. Deus não se esqueceu de nós.

Maria ACREDITA. E Ela é feliz porque acreditou no que Deus lhe dizia e prometia, mesmo parecendo uma coisa muito estranha ou difícil de aceitar. Deus é sempre fiel! Cumpre sempre o que promete.

Nossa Senhora não deixou de ser livre e inteligente. Deus nunca nos pede isso. Por isso, na sua consciência, perguntou a Deus. Mas perguntou como quem confia, não como quem desafia. Notemos como as perguntas, acerca do modo de acontecer daquilo que Deus anuncia, que Maria e Zacarias fazem, só à primeira vista é que são semelhantes. Na verdade, Maria está a querer saber mais para melhor obedecer (Lc 1,34). Zacarias está a pôr em causa que Deus possa realizar o que promete (Lc 1, 18). Num caso temos a verdadeira obediência, noutro não. Oxalá a nossa obediência seja sempre como a de Maria. Podemos (e às vezes devemos) fazer perguntas a Deus, mas sempre a partir da nossa pequenez e diante da grandeza de Deus. Esta grandeza não nos esmaga, porque é a grandeza do amor. Nós sabemos, pela fé, que Deus é bom, que nos quer bem e que conhece, melhor do que nós, o que nos faz falta. Assim, o grande milagre não é que Deus faça as minhas vontades, mas que eu entre na vontade de Deus.

Maria, ao longo da vida, vai experimentar como Deus é fiel, mesmo no meio das dificuldades e sofrimentos. Recordemos a fuga da Sagrada Família para o Egito, a profecia de Simeão, a perda de Jesus no Templo, e particularmente a Paixão, Crucifixão e Morte de Jesus.

Nossa Senhora não controla tudo, não sabe tudo. Mas confia sempre em Deus. Mesmo quando o que está a acontecer parece dizer que Deus não a ama ou nem sequer existe, Ela confia e mantém-se de pé na fé.

E isso é assim, porque desde o princípio, Ela sabe que Ele é o Deus dos impossíveis: se Ela própria que é Virgem e permanecendo Virgem se torna Mãe...se Isabel, que é estéril, já vai no sexto mês de gravidez... então a Deus nada é impossível.

Aliás, nas nossas vidas, até parece que é sobretudo nos becos sem saída que Deus mais se manifesta. Por um lado, até é normal. Se não fosse assim, tantas vezes atribuiríamos a nós a origem daquele bem, daquela graça. Ou seja, tentaríamos “roubar” a glória a Deus; mas isso sim, é impossível. Porque Deus é Deus! Maria acredita nisso, sente-o e vive-o. Oxalá nós também. Que os nossos sofrimentos e dificuldades não se resumam a um absurdo que temos de suportar, mas possam ser na fé, ocasião de encontro com Deus, ocasião de conversão ao amor a Ele e aos irmãos.

Maria SERVE. É uma consequência de escutar e acreditar em Deus. Quem acredita, sai. Não fica acomodado, no seu conforto, mas vai em direção a quem precisa.

Desde o princípio, que Maria ao escutar Deus e acreditar na sua Palavra, já com Jesus (=Verbo Encarnado) no seu seio, é transportada para o coração de Deus. Isso significa ser levada para o drama do ser humano, para as suas dificuldades, para esta realidade tão dura: a humanidade está ameaçada pelo mal e pode recusar Deus. Maria nunca O recusou, mas lida de muito perto com o mal do mundo. Nossa Senhora é pura, não é ingénua. Não é uma tontinha que ignora que há mal no mundo, que há risco grave de o ser humano se perder... Estar assim no coração de Deus, é comungar um pouco da sua “tristeza” em ver os seus filhos se perderem. Maria não julga, não condena. Maria lamenta o mal, porque o primeiro prejudicado do malvado é ele mesmo. Ou seja, somos nós, porque todos somos pecadores. Tantas vezes temos uma atitude diferente da dela. Somos moralistas, julgadores, pensando que somos melhores que os outros, que não faríamos este ou aquele pecado que condenamos nos outros. Mas a verdade é outra: somos capazes de tudo também...Por isso, quem nos dera termos um coração mais parecido com o de Deus, mais parecido com o de Maria: que tem pena dos pobres pecadores e colabora com Deus contra o pecado, mas não contra o pecador.

O serviço em Maria é bastante concreto. Não se trata de um conjunto de boas intenções e de umas frases bonitas. Aliás, nem aparecem muitas falas. Maria vai ter com Isabel e ali fica a ajudar, até ao nascimento de João Baptista (Lc 1, 39-56). De Maria, aprendemos também o cuidado pelos outros, o interesse pelo bem do outro. Mesmo que não fosse muito longe, sempre implicava uma saída com incómodo e com risco. Fazer o bem pode custar-nos e muitas vezes custa. Mas esta saída é uma expressão admirável da fé de Maria: ela vai para junto de Isabel, porque o Anjo lhe disse, da parte de Deus, que a prima estava grávida. E, antes de mais, a atenção ao outro nas suas necessidades. Este acreditar tão límpido e imediato, esta obediência da fé, origina uma atitude de serviço. E não o contrário. Maria não vai servir para ser agradecida, para ficar bem vista aos olhos dos outros, nem sequer para ficar bem-vista a seus próprios olhos ou aos olhos de Deus. Vai porque humildemente acredita que é verdade o que lhe foi dito e isso provoca uma realidade nova, ou seja, o Anjo não a manda ir ter com Isabel, mas diz-lhe apenas que está grávida. Também connosco é assim: quanto mais próximos de Deus, mais sensíveis às necessidades dos irmãos.

É no seguimento do serviço que surge o louvor a Deus. Em casa de Zacarias e Isabel, quando esta reconhece na jovem Maria a Mãe do seu Senhor, dá-se o Magnificat, um cântico de louvor a Deus não só pelo que Ele fez por ela, mas por todo o povo, por toda a humanidade.

Mas na verdade, estes pequenos serviços de Maria, acontecem numa personalidade que vive o grande serviço: ser participante ativa, adjuvante, da salvação que Jesus opera e nos dá.

Assim vemos em Caná da Galileia (Jo 2 1-11), quando naquele casamento fala de nós a Jesus e de Jesus a nós. A Ele diz “não têm vinho”, ou seja, a vida deles não tem a alegria que só Tu podes dar, sem Ti não são felizes. A nós diz “fazei tudo o que Ele vos disser”, neste gesto e atitude que são o “seu ADN”: a apontar para Jesus a conduzir para Ele.

E assim vemos também junto à Cruz (Jo 19, 25-27), quando de pé, recebe João como filho e este recebe-a mãe em sua casa. Ali se expressa de uma maneira tão forte a sua maternidade em relação a cada um de nós. Oxalá imitemos João e recebamos Maria em nossa casa!

Maria é a mulher da COMUNHÃO. Isto quer dizer que desde o princípio que está com a Igreja. Quando esta nasce, em Pentecostes, está lá a Mãe (Act 1, 12-14; 2, 1-47). Ela acompanha os Apóstolos, já tão diversos entre si, não se impondo com qualquer estatuto que pudesse reivindicar pelos laços de sangue com o Senhor, mas promovendo unidade naquela diversidade. Uma unidade de vida e obediência a Deus, uma unidade de oração.

Mas também, já desde a Cruz e agora na explosão de anúncio que é o Pentecostes (o contrário de Babel), Ela é a Mãe dos homens. Por isso, sempre ao longo dos séculos continuou junto dos seus filhos, fossem quais fossem as etnias, raças e cores; de uma unidade e diversidade de origem (os Apóstolos) para uma diversidade e unidade de destino (todos aqueles que acolherão a Boa Nova do Reino). Temos muito a aprender de Maria para podermos chegar a ser realmente católicos. A nossa tendência natural é a de nos fecharmos naqueles que são como nós, mesmo dentro da Igreja, mesmo na nossa paróquia ou movimento. A nossa conversão a Jesus, para a qual Maria conduz e incentiva, conduzirá a uma abertura ao diferente sem perder a identidade, a um acolhimento do outro como alguém que tem algo para me dar e não como um concorrente ou rival.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Maria ESCUTA. E nós? Escutamos realmente? Escutamos os outros ou só a nós mesmos? Escutamos o Outro, que é Deus? Damos importância à Sua Palavra? Treinamos o coração para escutar mais, rezando? Como está a nossa oração? Obedecemos à vontade de Deus, na parte dela que já conhecemos?

Maria ACREDITA. E nós? Reconhecemos como Deus tem sido fiel connosco? Obedecemos-Lhe conscientemente, mesmo fazendo perguntas? Nas dificuldades e sofrimentos, nas incertezas e inseguranças, confiamos em Deus? Ou apenas nas nossas forças?

Maria SERVE. E nós? Estamos atentos às necessidades dos irmãos? Saímos para ajudar? Levamos-lhes Jesus connosco? Louvamos a Deus, ou fazemos as coisas para que nos gabem? E recebemos Maria em nossas casas?

Maria é mulher de COMUNHÃO. Somos realmente “católicos”? Ficamos contentes com a diversidade ou queremos que todos pensem como nós? Compreendemos que a unidade implica também um esforço da nossa parte?

PONTOS DE ORAÇÃO

Ler Lc 1, 26-56 e usar os pontos de discussão em forma de reflexão e oração pessoal.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Rezar o Angelus diariamente e lembrar a equipa pelo whatsapp

Fazer um encontro em equipa antes da próxima reunião

Ler a partilha e comentar aquilo que me tem chamado mais a atenção

Fazer uma lectio divina de um texto bíblico, com a obrigação de terminar numa proposta conjunta de ação que daí decorra;

PARA APROFUNDAR

Paulo VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*

João Paulo II, Encíclica *Redemptoris Mater*

João Paulo II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*

ORAÇÃO FINAL | Como Maria

Senhor, dá-me um coração enamorado
como o coração de Maria;
um coração generoso
como o coração de Maria;
um coração aberto à tua Palavra
como o coração de Maria.

Faz com que descubra cada vez mais
a riqueza insondável que és Tu,
e que ninguém conhece, como a Tua Mãe conhece;
que descubra que só com um coração desprendido,
chegarei a pôr a minha confiança em Ti,
como a pôs a tua Mãe.

Faz enfim, Senhor,
que, como para Maria,
Tu sejas a minha única riqueza, o meu único tesouro,
a minha única seiva, a minha única vida;
o meu sustento e alimento;
meu bem e minha alegria.

Pedro Muñoz Peñas, *Orar com Deus*

NOSSA SENHORA NAS EJNS

DEZEMBRO



NOSSA SENHORA NAS EJNS

ORAÇÃO INICIAL | Litania do Natal

A noite fora longa, escura, fria.
Ai noites de Natal que dáveis luz,
Que sombra dessa luz nos alumia?
Vim a mim dum mau sono, e disse: «Meu Jesus...»
Sem bem saber, sequer, porque o dizia.

E o Anjo do Senhor: «Avé, Maria!»

Na cama em que jazia,
De joelhos me pus
E as mãos erguia.
Comigo repetia: «Meu Jesus...»
Que então me recordei do santo dia.

E o Anjo do Senhor: «Avé, Maria!»

Ai dias de Natal a transbordar de luz,
Onde a vossa alegria?
Todo o dia eu gemia: «Meu Jesus...»
E a tarde descaiu, lenta e sombria.

E o Anjo do Senhor: «Avé, Maria!»

De novo a noite, longa, escura, fria,
Sobre a terra caiu, como um capuz
Que a engolia.
Deitando-me de novo, eu disse: «Meu Jesus...»

E assim, mais uma vez, Jesus nascia.

José Régio

TEMA

“A Virgem Maria é para nós modelo de como o homem se deve colocar perante Deus, aceitando o convite que Ele nos dirige ("Faça-se em mim segundo a Vossa Palavra" – Lc 1,38), percebendo que só Deus tem a resposta para a totalidade da nossa vida ("Fazei tudo o que Ele vos disser" – Jo 2, 5), permanecendo fiel a Ele apesar das contrariedades ("Junto à cruz estavam sua mãe" – Jo 19,25) e procurando maior intimidade com o Senhor através da oração (Act 1,14).

O nome de Nossa Senhora, recebido em herança pelas Equipas de Nossa Senhora (E.N.S.), dá a cada equipista o desejo de compreender o lugar de Maria no Mistério de Cristo e, portanto, também no Mistério da Salvação. Cada um encontrará, assim, na sua própria vida o lugar que Deus dá a Maria. É por isso que as equipas se colocaram sob a proteção de Maria, mãe de Deus e mãe da Igreja (Cl, I-3)." (Documento Nacional ejNS)

As ejNS são, como diz o nome, de Nossa Senhora. Até o próprio nome nos ajuda a perceber que pertencemos a Alguém – e um Alguém que nos ajuda no caminho e que nos quer mais perto de Jesus, como Ela esteve, desde a anunciação até à Cruz. O lugar de Maria nas equipas é o mesmo lugar que Nossa Senhora tem na Igreja. Diz o concílio Vaticano II: “Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo. Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variadamente pelos seres criados, assim também a mediação única

do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte. Esta função subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu mediador e salvador.”

Escreve S. João Paulo II na *Redemptoris Mater*: “A MÃE DO REDENTOR tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, *ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abbá! Pai!* (Gál 4, 4-6). Com estas palavras do Apóstolo São Paulo, que são referidas pelo Concílio Vaticano II no início da sua exposição sobre a Bem-aventurada Virgem Maria, desejo também eu começar a minha reflexão sobre o significado que Maria tem no mistério de Cristo e sobre a sua presença ativa e exemplar na vida da Igreja. Trata-se, de facto, de palavras que celebram conjuntamente o amor do Pai, a missão do Filho, o dom do Espírito Santo, a mulher da qual nasceu o Redentor e a nossa filiação divina, no mistério da *plenitude dos tempos*. Esta *plenitude* indica o momento, fixado desde toda a eternidade, em que o Pai enviou o seu Filho, *para que todo o que n’Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3, 16). Ela designa o momento abençoado em que o *Verbo, que estava junto de Deus, se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1, 1. 14), fazendo-se nosso irmão. Esta plenitude marca o momento em que o Espírito Santo que já tinha infundido a plenitude de graça em Maria de Nazaré, plasmou no seu seio virginal a natureza humana de Cristo. A mesma plenitude denota aquele momento, em que, pelo ingresso do eterno no tempo, do divino no humano, o próprio tempo foi redimido e, tendo sido preenchido pelo mistério de Cristo, se torna definitivamente *tempo de salvação*. Ela assinala, ainda, o início arcano da caminhada da Igreja. Na Liturgia, de facto, a Igreja saúda Maria de Nazaré como seu início, por isso mesmo que já vê projetar-se, no evento da Conceição imaculada, como que antecipada no seu membro mais nobre, a graça salvadora da Páscoa; e, sobretudo, porque no acontecimento da Incarnação se encontram indissolavelmente ligados Cristo e Maria Santíssima: Aquele que é o seu Senhor e a sua Cabeça e Aquela que, ao pronunciar o primeiro *fiat* (*faça-se*) da Nova Aliança, prefigura a condição da mesma Igreja de esposa e de mãe.”

PONTOS DE DISCUSSÃO

Um bom exercício é o de nos pormos no lugar de Maria – imagina que te aparece um anjo e que te pede que, para ser fiel a Deus, digas que sim a ser Sua mãe. É fácil, agora que sabemos o *fim da história*, por assim dizer, pensar que Maria tinha que dizer que sim. Mas já pensaste que, durante uns momentos, a redenção do mundo esteve suspensa na decisão de uma miúda, como qualquer um de nós? O que é que isto nos diz sobre a liberdade e o amor de Deus ao criar-nos? E, por outro lado, o que é que nos diz sobre Maria, e sobre cada um de nós, tão *normal* e ao mesmo tempo tão visivelmente Filho de Deus, tal como foi Maria?

Diz no Evangelho que Maria *guardava todas as coisas no Seu coração*. Com Ela, aprendemos a viver as coisas de maneira tranquila e ponderada. Maria junto da cruz deve ser para nós um exemplo daquela *alma simples que aceita os desígnios da Sua providência* e sabe que, confiando em Deus, independentemente do sofrimento, estará mais perto de Seu Pai. Em todos os aspetos da vida de Maria, podemos encontrar pequenas manifestações do amor de Deus por Ela e, assim, aprender a vê-las também nas nossas vidas.

Contudo, por vezes fala-se de Maria como se fosse uma deusa, com as suas várias *personalidades* – a Nossa Senhora das dores, a de Fátima, a dos Nós. E isto é um erro – em primeiro lugar, porque Nossa Senhora nos mostra precisamente que é na nossa humanidade e normalidade que Deus faz maravilhas. “A minha alma glorifica o Senhor/ e o meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador./ Porque pôs os olhos na humildade da Sua serva. “Foi na humildade da Sua serva que Deus pôs os olhos! Não na grandeza de uma deusa. Nossa Senhora é o nosso meio para Jesus, tomando vários nomes consoante o que lhe pedimos, mas sendo sempre quem é – uma filha de Deus, humana, que não teve medo de Lhe dizer que sim.

PONTOS DE ORAÇÃO

Em equipa, aprendemos a rezar o Magnificat, a oração das ejNS – com tempo e com calma, lemos cada frase e percebemos o que nos diz sobre a figura de Maria e sobre a Sua importância nas nossas vidas.

Rezamos o terço juntos, conscientes da ferramenta tão importante que é. Sabemos que foi Maria quem nos pediu que o rezássemos? Porque é que rezar um terço é mais do que repetir palavras dezenas de vezes?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Comprometemo-nos a rezar o terço juntos, uma vez por semana.

Em equipa, combinamos uma ida a Fátima e tentamos fazer esta visita muito conscientes do verdadeiro fenómeno que ali se deu – que a nossa Mãe desceu à terra para nos ver, e foi aquela pequena terrinha que escolheu.

ORAÇÃO FINAL

Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria

Ó Senhora imaculada, silenciosa,
de sorriso virginal,
frescura envolvida na canção formosa
do amanhecer inicial.

Senhora do vestido simples da graça
que intima aurora Te deu,
florindo, sobre a luz da terra que passa,
à luz primeira do Céu.

Senhora, o teu celeste olhar de padroeira
floresça em nosso interior,
Abrindo a senda da pureza verdadeira
que nos conduza ao Senhor.

AGRADECIMENTOS

“O Cristão prefere a Cruz ao repouso”
S. Francisco Xavier

No final deste caderno é indispensável lembrar os que ajudaram a que pudesse ser concluído.

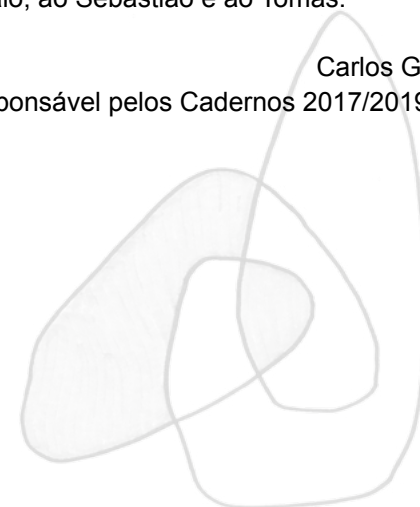
Muito obrigado a todos pela entrega e pela preocupação de fazer um caderno que ajude as Equipas a avançar no sentido de uma fé mais adulta e profunda.

Por isso agradeço em primeiro lugar aos redatores dos temas – ao Padre Miguel Vasconcelos, ao Padre Tiago Fonseca, ao Padre Fernando Lopes, ao Padre Bernardo Aranha, ao Padre Duarte Andrade e Sousa, ao Padre Bernardo Trocado, ao Padre Pedro Nóbrega, ao Padre Carlos Gonçalves e ao Padre Valter.

Agradeço, em segundo lugar, à Kika Andrade e ao Pico Azeredo, equipistas do Porto, e que fizeram os espetaculares desenhos dos temas e da capa do caderno.

Agradeço, por fim, ao Afonso Virtuoso e a todo o secretariado nacional – ao nosso casal, Carmo e Luís Virtuoso, à Mariana, à Luísa, à Maria Ana, à Mónica, à Teresinha, à Vera, ao António, ao Gonçalo, ao Sebastião e ao Tomás.

Carlos G.
Responsável pelos Cadernos 2017/2019



MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor *
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva: *
De hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: *
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração *
Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço *
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos *
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens *
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, *
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais, *
A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho *
E ao Espírito Santo,
Como era no princípio, *
Agora e sempre. Amen.